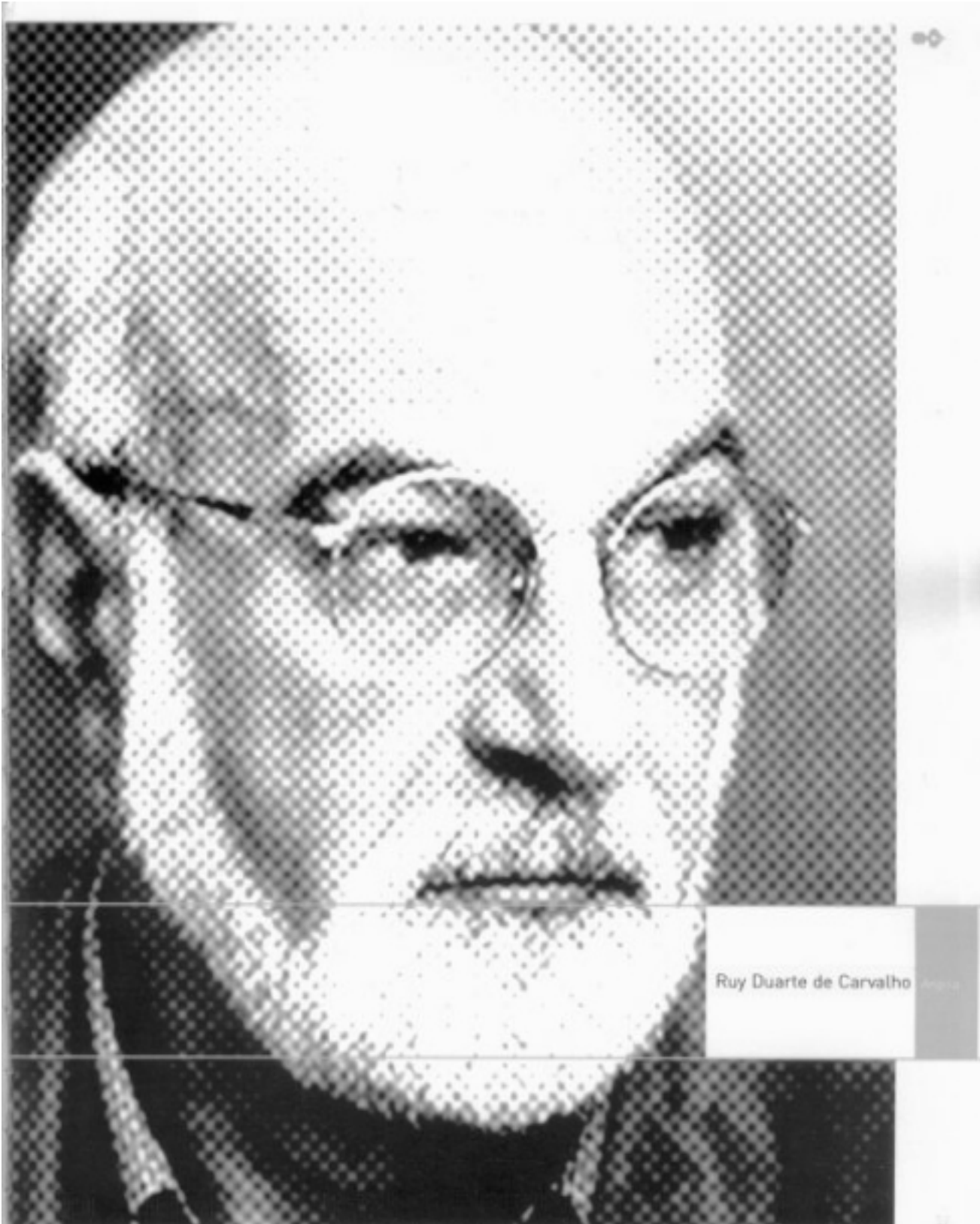


Ruy Duarte de Carvalho Miguel Anxo Fernán-Vello Olli Heikkinen Barbara Köhler Katika
K'ulavkova Franco Loi Adília Lopes Moncef Louhaïbi Helder Macedo Mary O'Malley Manuel
António Pina Jaime Pont João Rui de Sousa Ildásio Tavares Ghjacumu Thiers Bernard Vargaftig





Ruy Duarte de Carvalho

Ruy Duarte de Carvalho 1941, angolano de origem portuguesa, antropólogo, professor da universidade de Luanda, 12 recolhas de poemas desde 1972. Publicações mais recentes: *Ordem de Esquecimento*, poesia, 1998; *Vou Lá Visitar Pastores*, diário/ensaio, 1999; *Observação Directa*, poesia, 2000; *Os Papéis do Inglês*, ficção, 2000.

Tradução de Jaime Araújo

... do canto da rola não se extrai um tempo....
[1977]

há formas muito antigas
pedindo uma leitura
que anteceda a escrita.

na geografia há dobras
onde só chega a voz
que é despojada e sóbria.

caminhos há
que os anos conservaram
imutáveis e inúteis.

há pedras que perduram
sem que ninguém as saiba.

rostos existem
que iludem as eras
e apenas relevam
os sinais da idade.

há gestos que repetem
outros gestos
e corpos velhos
a temperar a juventude de outros.

há gerações que se sucedem mansas
e desconhecem som, palavra ou medo
que não traduza uma ciência herdada.

[1979]

amigo do rei, tu entras. sentas-te aqui
frente às cabaças que a cura dos grãos enriqueceu de cheiros. vou chamar
minhas esposas para dizer-lhes: eis o amigo do rei. e olhar-te-ão com olhos
que me excedem porque me excedo quando lhes pergunto: não sou bastante rei
para introduzir em casa o fim das dinastias?
não sou bastante rei para ler na cinza
a predição da vossa despedida
os gestos da recusa dos meus filhos
a poeira no punho das insígnias
e o fogo extinto no portal do altar

.....?
.....
.....

... *nem tempo era* ...

[1983]

para o David Mestre, poeta, *in memoria*

ardeu o dia todo
entregue à cor da tarde
e aconteceu por fim o que aguardava :

e deu-me o pão e deu-me o peixe
surto com raiva aos areais fecundos.

e eu partilhei com ele o escasso vinho ...

... não era nem tempo de velar sozinho ...

*

[1989]

isolou-se do mundo para esculpir um vale
morreu a cinzelar as mãos de deus

Diário IV

[1996 -1998]

*

... a puberdade fêmea, aqui, assim :

é o instante da festa, do adorno
da floração que frutifica logo
em geração...

.... é o próprio lume da infância:

é quando o corpo
augura o porte
de uma mãe futura
e a carne da mulher
vem dar volume à graça
da menina ainda...

... a graça esguia se arredonda então:

e o encanto é o do encontro
da infância que cede
a uma primeira cria.

... tomo chá e leio um artigo de Leach, sinto a pressão constante de uma
rectaguarda de destroços, mas há uma bela luz, e calma, que envolve acidade,
batida pela bruma de um vento que é leste ...
... e vou cultivando a vaga e permanente intuição de que um definitivo e eleito par
de pernas anda longe a poupar-se e à espera de me encontrar para se abrir por fim.

*

se a premência de uma imprevista dor de barriga é já de tal forma aleatória,
associando-a ao arranjo combinatório que terá feito daquela árvore aquilo que
agora é, sua presença alheia, o porte, a rama, a oscilação que abana porque a brisa
exacta do momento é esta, comigo aqui assim de rabo ao léu e a olhar para ela, a
fatal certeza teórica do eterno retorno, perante a incomensurável mas
necessariamente finita soma dos dados e das ordens, sujeita-se ao insulto orgânico
da mais rasteira das precaridades empíricas...

...from the turtle-dove's song you derive not an era...
[1977]

there are ancient forms
begging for a reading
that precedes writing.

... in the geography bends remain
where only comes the voice
naked and sober.

... tracks the years kept
useless and immutable

... and stones that endure
no one knows about.

faces deceive the eras
and only reveal
signs of age.

... gestures repeat
other gestures
and old bodies
season the youth of others.

succeeding generations go by
that know no sound, word, or fear
suggesting not an inherited knowledge.

[1979]

friend of the king, come in. you sit here
before the calabashes the cure of grain has stiffened with smells.
I'll call my wives and tell them: here is the king's friend.
and they'll look at you with eyes that exceed me,
for I exceed myself when I ask them: am I not king enough
to decree at home the end of dynasties?
am I not king enough to read in the ashes
the prediction of your parting
the gestures of my sons' refusal
the dust on the handle of the insignia
and the extinguished fire at the shrine's portal....?

... it wasn't even the time ...

[1983]

for David Mestre, poet, *in memoria*

he burned all day
out in the colour of the afternoon
and what he expected finally happened:

and he gave me the bread and gave me the fish
wrenched with rage from the fruitful sands:

and I shared with him the scant wine...

...it wasn't even time
to sit up alone...

*

[1989]

he left the world to sculpt a valley
he died chiselling the hands of god

Diary IV
[1996-1998]

*

... the female puberty, in here, like this:
it is the time of the feast, of the frills
of the flowering that suddenly fructifies
in generation...

... it's the very fire of childhood:

it's when the body
forebodes the bearing
of a future mother
and the woman's flesh
fills out the grace
of the young girl...

... the slender grace is getting round...

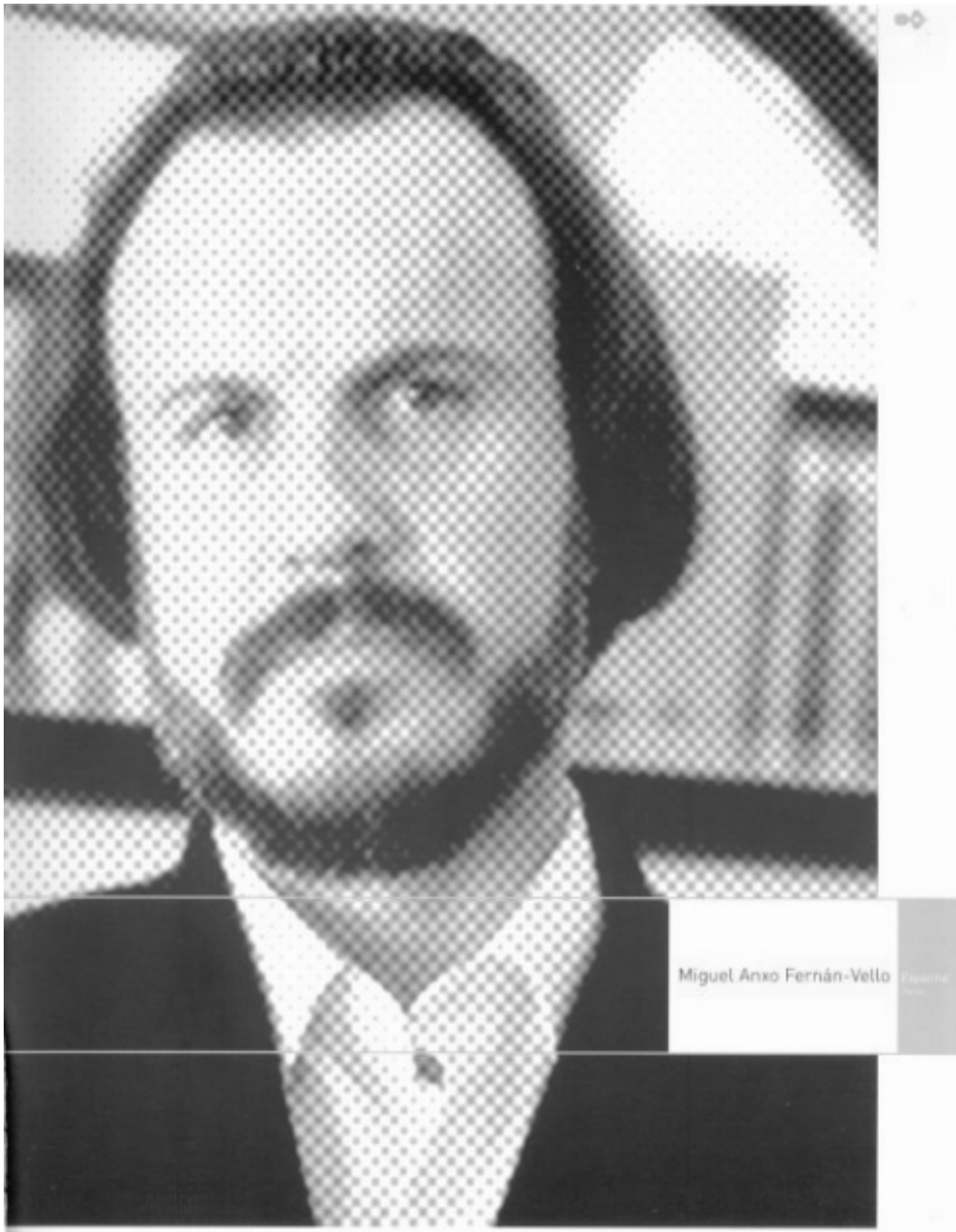
and the thrill, then,
is the mother's childhood
finding out that of her suckling.

... I sip my tea and read an article by Leach. I feel the constant pressure of a background of destruction, but there's a fine light, and calm, that envelops the city, beaten by the haze of an eastern wind...

... and I go on cultivating the vague and permanent feeling that a definite and elect pair of legs is far away saving itself and waiting for me so that it may finally unfold.

*

if an unexpected bellyache is already so aleatory, associating it to the arrangement that made this tree the way it is now, it's alien presence, it's bearing, the foliage, the oscillations it makes under the exact breeze of the moment, and I, here, looking at it and in such a squatting posture, the fatal theoretical certainty of the eternal return, before the immeasurable but necessarily finite sum of facts and rules, submits to the organic insult of the lowest empirical precariousness.



MIGUEL ANXO FERNÁN-VELLO

Nasceu em Cospeito, Galiza, em 1958.

Poeta, dramaturgo e editor (Edicións Espiral Maior) é também

Secretário-geral da Asociación de Escritores da Galiza.

A sua obra poética, reconhecida com os prémios Celso Emilio Ferreiro, de Vigo, Esquío, Premio da Crítica Española, Xacobeo de Poesía da Xunta de Galiza e Martín Codax, entre outros, figura em antologias galegas e espanholas e foi traduzida para espanhol, catalão, euskera, macedónio, italiano, francês, alemão, inglês e russo.

A sua obra dramática, galardoada com os prémios Biblioteca do Arlequín e

Premio de Teatro Breve da Escola Dramática Galega, inclui títulos como

Cuarteto para unha noite de verao e *A casa dos afogados*, levado à cena pelo

Centro Dramático Galego.

Da sua obra poética destacamos os títulos: *Do desexo en corpo e sombra* (1984),

Memorial de brancura (1985), *Entre água e fogo* (1987), *Trópico de luas* (1992)

e *Poemas da lenta nudez* (1994).

Tradução de Susana Tavares Pedro e Casimiro de Brito.

ARQUITECTOS

No obradoiro do tempo e do desexo
nace a casa que amamos,
na lenta perspectiva dun pensamento
que existe no futuro.

Como un pozo que abre o seu alento frío
primeiro o corpo roza a sensación dun muro
e unha estrela invisíbel
convértese en certeza.

Toda casa é desexo,
desde unha raíz que treme na noite,
no abecedario íntimo dos soños,
nos círculos da sede e dos meses.

Porque trazamos unha liña ascendente
de esperanza,
palabra que respira,
pálpito pensativo,
figura viva.
E entra un sopro de vento no corazón da casa,
unha casa nacente entre o corpo e a alba,
unha casa que medra como unha sombra branca
iluminando os días.

Somos unha memoria de pureza e de asombro
e medimos o mundo construindo o silencio,
a substancia secreta do destino.
Toda casa é unha forma que se acende na alma,
unha visión perfecta como un ser que se eleva.

É preciso que o corpo adiviñe a presenza
dun equilibrio puro,
a residencia exacta dun fulgor intuído
no tempo.

A casa que se habita é por fin unha patria,
simetría do ceo,
territorio que anuncia o respirar da vida.

Calcular esa altura, un volume de illa,
e a claridade entrando lámina construída,
habitación ou clima, ángulos de harmonía;
a casa sobre a terra esculpindo a memoria,
a duración no corpo dun enigma: outro mundo
entre a pedra e o sol,
a xeometría branca do desexo,
o deseño da sombra que se fai transparencia,
a materia feliz da natureza.

Somos unha memoria como un ser que se abre,
exhalación do espazo ocupando o futuro,
a semente e a seiva dunha casa que é corpo,
unha visión que nace no interior, lenta imaxe
de nós,
a fábrica sensíbel da existencia.

AS PRAIAS

Cando o vento regresa dun insomnio mariño
e roza a pel da infancia, a nudez embriagada
no límite da auga.

Cando unha estrela branca precipita o desexo
no tacto estremecido do tempo.

Cando un claror nevado xira nos corazóns
e acende a transparencia do mundo.

¡As praias!

Ese asombro no pálpito da carne,
unha voz azulada que treme no silencio.

O corpo sabe ben na flor da lonxanía
cando no corpo había un salouco de espuma.

Vede aí nese abismo o perfil infinito do mar,
o seu espasmo verde
cando entra en nós coa súa polpa secreta.

O corpo pensativo,
cando os seres bebían a luz.

O corpo iluminado pola oración diúrna da brisa.

A contracción suave dun clima.

Unha aleación perfecta de frescura.

¡As praias!

Lembrádevos agora do alento prateado dunha brasa,
das lámpadas lonxanas que acenden os soños.

De repente unha ausencia fendida no recordo,
un instante que ferve, paixón de claridade.

Lembrádevos no corpo dunha alba que anuncia
as súas sílabas puras:
sopro de luz e líquidos, materias transmigradas
no tremor da brancura;
destilación de espellos
e unha música núa,
a vertixe inclinada do mar,
esa primeira febre
que a beleza destina como visión futura;
os ollos máis alá
nacendo a fenda ardente
do pensamento.

¡As praias!

Sonámbulas bandeiras, un vento que golpea
as láminas do sol dentro do vento.

E unha súbita áncora de luz como un misterio
que se nos pon no sangue.

O corpo aquí descobre a súa illa invisíbel
de soedade,
unha íntima cifra revelada no tempo,
un pozo azul e frío que atravesa a memoria.

Unha nenez na néboa védea agora incendiada:
os astros da alegría,
a exhalación do gozo,
unha figura inmóbil inflamando a súa aura.

Cando o mar é un destino e nos toca a súa chama,
un mercurio que cega,

un pulmón insaciado
de claridade.

¡As praias!

Cando o mar vén insomne rebrillando nas horas
ata invadir no corpo unha antiga saudade.

Cando o mar nos adentra lentamente en nós mesmos
e nos queima un silencio toda a pel,
outro alento nacendo,
outra luz sobre as tempas
borrando todo clima de sombra,
outro vento que entra no corazón espido
como un pálpito novo de pureza.

Cando o mar nos descobre a existencia invisíbel
dun abismo no corpo;
un remuíño frío que se inclina no tempo,
o horizonte mariño como un labio interior
que se estremece en nós,
a visión dun destino
sentido como un lampo nas veas.

¡As praias!

Cando a terra e o corpo e o mar
son invadidos pola luz,
nacen contra a morte
as praias,
como se o tempo nevase eternamente
sobre unha patria nova:
territorio feliz,
alta beleza,
incesante vida.

ARQUITECTOS

No engenho do tempo e do desejo
nasce a casa que amamos,
na lenta perspectiva de um pensamento
que existe no futuro.

Como um poço que abre a sua fria respiração
primeiro o corpo roça a sensação de um muro
e uma estrela invisível
converte-se em certeza.

Toda a casa é desejo,
desde a raiz que treme na noite,
no abecedário íntimo dos sonhos,
nos círculos da sede e dos meses.

Porque traçamos uma linha ascendente
de esperança,
palavra que respira,
agitação pensativa,
figura viva.
E entra um sopro de vento no coração da casa,
uma casa nascente entre o corpo e a madrugada,
uma casa que cresce como uma sombra branca
iluminando os dias.

Somos uma memória de pureza e de assombro
e medimos o mundo construindo o silêncio,
a substância secreta do destino.
Toda casa é uma forma que se acende na alma,
uma visão tão perfeita como um ser que se eleva.

É preciso que o corpo adivinhe a presença
de um equilíbrio puro,
a residência exacta de um fulgor intuído
no tempo.

A casa que se habita é por fim uma pátria,
simetria do céu,
território que anuncia o respirar da vida.

Calcular essa altura, um volume de ilha,
e a claridade entrando lâmina construída,
habitação ou clima, ângulos de harmonia;
a casa sobre a terra esculpindo a memória,
a duração no corpo de um enigma: outro mundo
entre a pedra e o sol,
a geometria branca do desejo,
o desenho da sombra que se faz transparência,
a matéria feliz da natureza.

Somos a memória de um ser que se abre,
exalação do espaço ocupando o futuro,
a semente e a seiva de uma casa que é corpo,
uma visão que nasce no interior, a nossa
imagem lenta,
a fábrica sensível da existência.

AS PRAIAS

Quando o vento regressa de uma insónia marítima
e roça a pele da infância, a nudez embriagada
no limite da água.

Quando uma estrela branca precipita o desejo
no tacto estremecido do tempo.

Quando um clarão de neve se move nos corações
e acende a transparência do mundo.

As praias!

Esse assombro na comoção da carne,
uma voz azulada que treme no silêncio.

O corpo reconhece a flor da distância,
quando havia nele um soluço de espuma.

Vê-se nesse abismo o perfil infinito do mar,
o seu espasmo verde
quando em nós ele entra com a sua polpa secreta.

O corpo pensativo,
quando os seres bebiam a luz.

O corpo iluminado pela oração diurna da brisa.

A contracção suave de um clima.

Uma fusão perfeita de frescura.

As praias!

Lembrai-vos agora da respiração prateada de uma brasa,
das lâmpadas longínquas que acendem os sonhos.

Subitamente uma ausência fendida na lembrança,
um instante que ferve, paixão de claridade.

Recordai no corpo uma madrugada que anuncia
as suas sílabas puras:
sopro de luz e líquidos, matérias transmigradas
no rumor do branco;
destilação de espelhos
e uma música nua,
a vertigem inclinada do mar,
essa primeira febre
que a beleza destina como visão futura;
os olhos mais além,
onde nasce a fenda ardente
do pensamento.

As praias!

Sonâmbulas bandeiras, um vento que golpeia
as lâminas do sol dentro do vento.

E uma súbita âncora de luz como um mistério
que no sangue nasce.

O corpo descobre aqui a sua ilha invisível
de saudade,
uma íntima cifra revelada no tempo,
um poço azul e frio que atravessa a memória.

Uma infância na névoa, vejam como está incendiada:
os astros da alegria,
a exalação do gozo,
uma figura imóvel inflamando a sua aura.

Quando o mar é um destino e nos toca a sua chama,
um mercúrio que cega,

um pulmão insaciado
de claridade.

As praias!

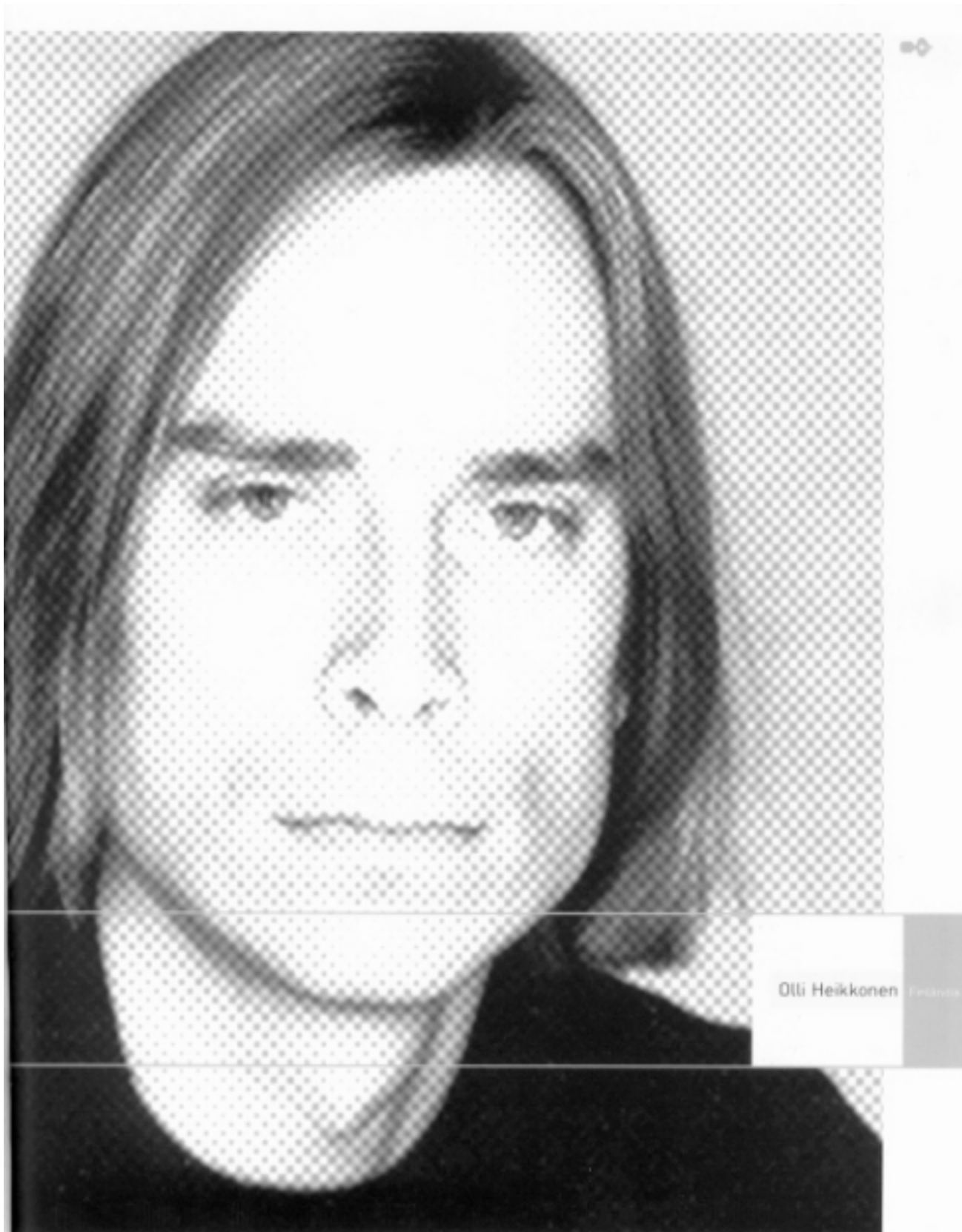
Quando o mar insone vem rebrilhando nas horas
até invadir no corpo uma antiga saudade.

Quando o mar lentamente nos invade
e em silêncio nos queima toda a pele
e outro alento nasce,
outra luz sobre as têmeoras
abolindo todo o clima de sombra,
outro vento que entra no coração nu
como a pulsação de uma nova pureza.

Quando o mar nos descobre a existência invisível
de um abismo no corpo;
um remoinho frio que se inclina no tempo,
o horizonte marinho como um lábio interior
que em nós estremece,
a visão de um destino
sentido como um relâmpago nas veias.

As praias!

Quando a terra e o corpo e o mar
são invadidos pela luz,
e nascem contra a morte,
as praias,
como se o tempo nevasse eternamente
sobre uma pátria nova:
território feliz,
alta beleza,
incessante vida.



Olli Heikkonen nasceu a 28 de Maio de 1965 em Kontiolahti, na parte leste da Finlândia. A sua primeira colectânea de poemas, *Jakutian aurinko* (O sol de Yakutia), publicada em 2000 pela casa Editora Tammi e galardoada com o Helsingin Sanomat Prize, o mais importante prémio para uma obra literária instituído pelo Helsingin Sanomat (o maior jornal da Finlândia), foi também finalista no prémio Tanssiva Karhu, atribuído pela Finish Broadcasting Company. Outros poemas seus foram incluídos em diversas antologias e revistas literárias. Olli Heikkonen organizou o Festival de Poesia de MotMot 2000, que se realiza anualmente na Finlândia.

Tradução de Ana Hatherly a partir da versão inglesa

Irsk. Ääni ratapihan yllä
kuin hampaiden kirskunta. Juna vaihtaa raidetta
kun kohautan olkaa. Vaunu seuraa vaunua, päivä päivää.
Niin ovat päiväsi valoisaayötä. Yöthampaidenkirskuntaa.
Irkutsk. Nivelet narisee, humauttaa päivät, arolla
lysähtää jurtta. Siellä on koti, Irkutsk,
vaunut kuin uloshengitettyä ilmaa.
Siellä hengityksen lämmössä
tiheän karvan alla.

Siis, tämäkö on Tomsk,
kaupunki, kun se putoaa lumeen.
Nämäkin kujanteet kohoavat taivaaseen.
Ei tuoksu mänty, ei kataja, eivätkä puutarhat enää.
Ei hameväkeen voi luottaa,
kattojen yllä matosta tampataan raidat,
horisonttiin keltainen ja turkoosi,
kattojen alla tapettia repivät kynnet,
nuo valkoiset pakkaskynnet.
Siis, tämä on Tomsk,
kun sen kaduilla suhaavat volgat.
Ja kun astun kyytiin, takapenkki täyttyy pian.
Hengitys höyryää, nylon repeää. Naiset
vain punaavat huuliaan.

Avaa verho.

Avaan näkymän metsään, joka on kaadettu.

Hirvi juoksee aukion poikki

hampaissaan kuu,.sorkissaan narskuva hanki.

Hirvi juoksee runkojen taakse,

ia kuuluu tasainen kalkatus, junan ääni.

Hirvi juoksee halki vuosituhantisen pauhun

kohti seuraavia nollia, sinne missä jarrut kirskuvat.

Kristallimaljaa se sarvissaan kantaa, jäätä ja kuplivaa juomaa.

Siis ota lasi, lusikka ota, hämmennä kuplista puhti.

Mutta latvojen taakse, taakse pilvivuorten hirvi kiikuttaa aarteen.

Siellä väsynyt lähetti riiputtaa päätään, puhaltaa hyistä usvaa.

Kruunupää katselee maailmaa. Tämä oma
niityn takainen metsä, se voisi puuskahtaa,
kun savu nousee ja horisontti kalpenee.
Kruunupää kuulee kuinka kone jylisee,
rauta taipuu virtojen yli ja kolonnat
seuraavat toisiaan. Ei mikään pidättele:
Ob, Lena, Jenisei. Jää murtuu
kuin munan kuori. Routaan repeää valtatie.
Kruunupää katselee maailmaa, ravistaa
pikää kyljistään. Ja Majesteetin luomien alla
kolonnat jatkavat kulkuaan.

Kumarra pihlajaa. Sen alle kasvot ylöspäin
veljesi on haudattu. Maan povessa luut
mustuvat, yrtit versovat nikamiin.
Kumarra pihlajaa, sen ihonkaltaista kuorta, oksan hankaan
ripustettua helminauhaa. Kumarra latvan liekkiä.
Juuret lävistävät veljesi rinnan.
Juuret lävistävät veljesi otsan.
Pihlaja on ääniä täynnä, jotka keväällä
puhkeavat lehdiiksi.

Kun Laika, avaruuteen unohdettu, haukahtaa, yksi kerrallaan
syttyvät hökkeleiden valot. Kello voisi olla jo seitsemän,
taivaalta pudota rautaa, mutta yhä. fysiikan laki,
kiveen ja kotiloon kirjoitettu,
pyörittää tätä sinistä kylää.
Ja niin syttyy lampukka,
niin lämpenee öljyinen sydän
ja unien varjot tanssivat seinällä.
Jossakin yksinäinen koira tähyilee maata.
Varjelen tätä planeettaa, se voisi haukahtaa,
mutta radioasemat, tiedäthän, kaikki viestit,
jotka täyttävät taivaan, satelliittien kohina ja kolina.

Irsk. O ruído sobe dos carris
como um ranger de dentes.
Encolho os ombros,
o comboio muda de linha.
Carruagem após carruagem, dia após dia.
Assim os teus dias são uma noite bem iluminada.
As noites, um ranger de dentes.
Irkutsk. As juntas guincham, os dias desfilam
na estepe um yurt desfalece.
Irkutsk - é aí o lar,
as carruagens como expelido ar.
Aí, no calor da respiração,
sob uma densa pele de animal.

O SOL DE YAKUTIA

Então isto é Tomsk,
uma cidade tombando na neve.
Até as suas vielas terminam no céu.
Já não há o fragrante pinho,
o zimbro, nem sequer os jardins.
Não se pode confiar na roupa
por cima dos telhados,
as riscas são expelidas da carpete,
amarelas e turquesa, para o horizonte,
sob os telhados as unhas,
as unhas brancas da geada
rasgam o papel da parede.
Portanto, isto é Tomsk,
nas suas ruas os Volgas sibilam ao passar.
E quando apanho uma boleia
o assento de trás enche-se num instante.
O sopro evapora-se, o nylon rasga-se.
As senhoras põem baton, despreocupadas.

Abro a cortina.

Abro uma vista da floresta que foi cortada.

Um gamo atravessa o campo a galope
a lua entre os dentes, a neve rangendo
sob os seus cascos fendidos.

Corre por detrás dos troncos das árvores e ouve-se
um contínuo estrépito, o som de um comboio.

O gamo atravessa o milenar estrondo
no sentido dos próximos zeros, onde os travões gincham.

Leva uma taça de cristal entre as suas hastes,
cheia de gelo e bebida espumante.

Portanto, pega num copo, pega numa colher,
extraí vigor dessas bolhas de ar.

Mas atrás das copas das árvores, além das montanhas de nuvens,
o gamo arrasta o tesouro. Aí
o cansado mensageiro baixa a cabeça
resfolegando nevoeiro gelado.

A cabeça coroada olha o mundo. Esta floresta,
por detrás do prado, é minha, talvez ele diga, resfolegando,
enquanto o fumo sobe e o horizonte empalidece.
A cabeça coroada ouve o trovão da máquina,
ouve como o aço se dobra cruzando rios e colunas passam
uma após outra. Nada os pede deter:
Ob, Lena, Yenisei. O gelo quebra
como casca de ovo. O chão gelado
racha, torna-se estrada. A cabeça coroada
olha o mundo, sacode resina de seus flancos.
E sob as pálpebras de Sua Magestade
as colunas continuam vindo.

Inclina-te diante do freixo da montanha.
Debaixo dele, de rosto para cima,
jaz o teu irmão. No seio da terra
os ossos escurecem, as ervas brotam por entre as vértebras.
Inclina-te diante do freixo da montanha, da sua casca de pele,
o colar pendurado num ramo em forquilha. Inclina-te
à chama da copa da árvore.
As raízes furam o peito do teu irmão.
As raízes furam a frente do teu irmão.
O freixo da montanha está cheio de vozes,
quando chega a Primavera irrompem como folhas.

Quando a Laika, abandonada no espaço, ladra,
as luzes nas cabanas acendem-se uma a uma.
Talvez sejam já sete horas, o ferro pode cair
do céu, mas a lei da física
escrita na pedra ou na concha do gastrópode
ainda guia esta aldeia azul.
E o mesmo faz a lâmpada votiva acesa,
aquecendo o seu coração de óleo
e sombras-sonho dançando na parede.
Algures um cão solitário prescruta lá em baixo a terra.
Estou a guardar este planeta, poderá estar dizendo
quando ladra, mas, como se sabe, essas estações de rádio,
todas essas mensagens, o céu está cheio delas,
cheio do tinido e do zumbido dos satélites.



Barbara Köhler

Nasceu em 1959 em Chemnitz, na RDA, estudou entre 1985 e 1988 no antigo Instituto de Literatura Johannes R. Becher em Leipzig, e viveu na sua cidade natal até 1991. Vive hoje em Duisburg.

O seu primeiro livro, *Deutsches Roulette / Roleta Alemã* (1991) espelha ainda uma situação, lugares e experiências que são os da RDA antes do fim. Nos livros posteriores - *Blue Box* (1995), *Cor responde* (1998) e *Wittgensteins Nichte. Vermischte Schriften, mixed media / A Sobrinha de Wittgenstein. Escritos dispersos, mixed media* (1999) - são mais evidentes as preocupações de um trabalho com a linguagem, através de "frases elementares" que permitem alargar as fronteiras da leitura e do real até aos limites do quase virtual. *Cor responde*, um objecto feito de colaboração com o fotógrafo Ueli Michel, fixa em cinco cartas portuguesas e muitas fotografias feitas em Lisboa, Porto e Braga as impressões da autora e do fotógrafo sobre este país.

Barbara Köhler recebeu já três prémios literários pela sua obra.

Tradução de João Barrento

Mündung

Portugiesischer Brief

(für Michael Donhauser)

Ich war in Lissabon & Niemand war auch da Ulisses Pessoa es war ein mann mit vielen eigen namen der mir entgegenkamm war in jedem café ein anderer wir stellten uns vor wir sprachen verschiednes das nicht zu ver stehen war alles namen fremde sprachen jedes viertel Bairro Alto dieser stadt : unter vier augen getaucht getauscht zwei augenblicke haltlos verbunden wie verfallen das hingegebene vergessen wer Ich war ist ein gegenüber geworden auf gewähr des Tejo & des ozeans am ufer geht eine sehnsucht um weiter zu sehen hügelan Travessa dos Nomes beflaggt mit buntwäsche & weißen laken segeln im wind die straßenbilder ultramarine mantelfalten oh Nossa Senhora do Ó in den himmel gekleidete Stadt entstanden aus trauer & zorn einer frau verlässlich zu allen zeiten stehengebliebene uhren erwartungen die in gegenwarten verfließen durch Lisboa ging ich fort als eine andere namenlos glücklich wie leicht wird alles von fading zu fado nur ein schritt der geschieht im vorbeigehen weiteres sehen

Wiederspiegelung

Dritter portugiesischer Brief

Braga Café Brasileira zwischen den spiegeln gefangene zeit in der Pessoa nicht hier war aber sein könnte er einer von diesen melancholikern da im anzug zeitlosen zuschnitts hilfsbuchhalter hirten gelehrte abenteurer im ruhestand im stand der unruhe fixiert zwischen den spiegeln von denen das silber blättert die folie zeit zwischen zwei seiten eines buches hin & her hin & her zwischen den tischen die kellner & der sekundenzeiger zuckt zwischen zwei strichen hin & her & zwischen den zeilen die augen die blicke nach draußen wo zeit noch vergeht das leben alltägliches hin & her laufen leute durch die gleiche straße republik diktatur revolution gehn vorbei hin & her wechseln die namen nur das café die er innerung & die verlorenheit eines imperiums der seewe ge bleiben verlässlich worte wie não sou nada auf einen behauchten spiegel geschrieben haltbarer als an einer wand draußen das blaßgewordene versprechen immer sei fünfundzwanzigster april das niemand über tüncht & das erst wenn es ganz erloschen ist gelten wird sanft & verfänglich dies süchtige sehen die blicke die augen su chen lebendige augen blicke die erwidern sie halten stand bis die spiegel erblinden dazwischen gefangene.

In the movies

Film ist vierundzwanzigmal

Wahrheit pro Sekunde

Jean-Luc Godard

Vierundzwanzigmal pro Sekunde
laufe ich mir davon kommt etwas
auf mich zu sagt: Ich
laufe davon bin fest
gehalten in den Bildern
die laufen ein Massaker
jede Bewegung eine Wendung
im Schlaf in vierundzwanzig
Stück pro Sekunde Stunden
der Tag zerteilt eine gepreßte
Stimme die Tonspur sagt: Ich
hab mich verlaufen sehe vor
lauter Bildern den Film nicht
den Stillstand sehe mich vor
vierundzwanzig Feststellungen
pro Sekunde bewegt die Hand
in den Mund gestopft: Leben
tut weh Madame beißen sie zu.

In anderen Räumen

sind wir engel schöner im ungewissen
zwischen hier und dort sind wir da
sprechen miteinander durch apparate
sind die stimmen im hörer das atmen
am anderen ende welcher leitung sind
in gedanken in erinnerungen auf fotos
sehen wir festgehalten die im flug
vergangene zeit sind wir aus schatten
von berührungen zusammengesetzt hand-
schriften unsichtbar in fleisch und
in blut sind wir papiere die uns aus-
weisen als staatsbürger des paradises
LOST IN LOVE es ist raum für dich
zwischen den worten ist raum für mich
zwischen den bildern gehn wir einher
wenn wir engel sind schöner so laß uns

fallen

Body and soul

Die Angst ist ein Muttermal & hinterrücks
unbegreiflich ein Loch das zu Herzen geht
durch & durch eine Schwärze der Krebsgang
in die Kindheit die Angst ist die Mutter
aller Dinge deren Vater der Krieg ist der
Lauf den das Projektil nimmt heißt Seele
sagen Soldaten in dieser Sprache hat jede
Schußwaffe ihre Bestimmung ist Beseelung
ein Hohlraum ein Wundkanal ist die Angst
zwischen den Schulterblättern wenn du ihr
den Rücken zukehrst wird sie dich treffen

Reykjavik, Café Paris

Alle fünf Minuten fällt ein Flugzeug
aus den himmlischen Lavafeldern
(ich sah diese Regenwolken zuerst
von oben im Anflug gab es noch
keinen Vergleich) aus den Ostfjorden
den Westfjorden das Land richtet sich
nach dem Himmel und den Gezeiten
eine dünne bewegliche Haut überm Feuer
ist die Erde hier durch die Scheiben dringt
das Brummen der Propellermaschinen
und der Regen läuft ab wie ein Film
vor dem sie sitzen: Säufer und Sehnsüchtige
Seefahrer Luftschiffer Reisende
und über Eisbergen im Campariglas stranden
blaue Blicke aus braunen Augen der Anflug
eines Lächelns die Landung ist sanft.

Foz.

Carta Portuguesa

(para Michael Donhauser)

Eu estive em Lisboa & Ninguém estava lá também Ulisses Pessoa era um homem com muitos nomes próprios que vinha até mim era em cada café um outro nós apresen támo-nos falámos de várias coisas que eram incompreensíveis tudo nomes línguas estranhas cada bair ro Bairro Alto desta cidade: a dois nos olhos mergulhados trocados dois momentos de contacto intenso como ruía o que se entregava es quecer quem Eu era tornou-se al guém à frente com a fiança do Tejo & do oceano na margem passa uma saudade de continuar a ver colina acima a Travessa dos Nomes embandeirada com roupa de cor & lençóis brancos velas ao vento as imagens das ruas azul marinho dobras do manto oh Nossa Senhora do Ó vestida de céu cidade surgida da tristeza & da fúria de uma mulher de deixar de confiança em todos os tempos parados relógios expectati vas que em presenças fluem atravessando Lisboa fui-me embora como se fosse outra inomeada mente feliz como tudo se torna leve do fading ao fado um só passo que acontece ao passar ver ainda mais

Espelhamento

Terceira Carta Portuguesa

Braga Café Brasileira tempo entre espelhos aprisionado no qual Pessoa não esteve aqui mas poderia estar sendo um destes melancólicos ali de fato de corte intemporal guarda-livros auxiliar pastor erudito aventureiro reforma do na forma do desassossego fixado entre os espelhos dos quais a prata folheia a folha tempo entre duas páginas de um livro pra cá & pra lá pra cá & pra lá entre as mesas os empregados & o ponteiro dos segundos mo ve-se entre dois riscos pra cá & pra lá entre as linhas os olhos os olhares para fora onde o tempo ainda passa a vida as coisas quotidianas pra cá & pra lá corre gente pela mesma rua república ditadura revolução passam pra cá & pra lá mudam os nomes só o café a recordação e a perdição de um império dos caminhos marítimos ficam firmes palavras como *não sou nada* escritas num espelho embaciado mais resistentes do que numa parede lá fora a promessa esbatida de que seja vinte e cinco de abril para sempre que ninguém tapa com cal & que só quando estiver completamente apagada será válida doce & ardilosamente este ver viciado os olhares os olhos procuram olhos vivos olhares que correspondam eles resistem até que os espelhos cegam entre eles aprisionados

(De: Barbara Köhler/Ueli Michel, *cor responde*.
Duisburg/ Berlim, pict.im., 1998. Tradução de
Maria Teresa Dias Furtado)

In the movies

*O cinema é a verdade vinte
e quatro vezes por segundo*

Jean-Luc Godard

Vinte e quatro vezes por segundo
fujo de mim qualquer coisa se aproxima
de mim diz: Eu
fujo estou presa
fixada nas imagens
que correm um massacre
cada movimento uma volta
no sono em vinte e quatro
fragmentos por segundo horas
o dia fracciona uma voz
comprimida a banda sonora diz: Eu
ando perdida de tantas imagens
já não dou pelo filme
pelo fim vejo-me co-
movida diante de vinte e quatro
posições fixas por segundo a mão
metida na boca: a vida
faz doer Madame dê uma dentada.

Noutros espaços

somos anjos mais belos no incerto
entre aqui e ali existimos
falamos uns com os outros por aparelhos
somos as vozes no auscultador a respiração
na outra ponta de algum fio somos
em pensamentos na memória nas fotografias
vemos parado o tempo passado
em voo somos feitos
de sombras de pessoas tocadas cali-
grafias invisíveis em carne e
osso somos documentos que nos id-
entificam como cidadãos do paraíso
LOST IN LOVE há espaço para ti
entre as palavras espaço para mim
entre as imagens vamos andando
quando somos anjos mais belos deixemo-nos então

cair

Body and Soul

O medo é um sinal na pele & pelas costas
incompreensível um buraco que entra no
coração e o atravessa um negrume o re-
trocesso até à infância o medo é a mãe de
todas as coisas de que a guerra é pai à
trajectória do projectil chamam alma dizem
soldados nesta língua toda a arma de fogo
tem a sua função a vida da alma é um vá-
cuo um canal ferido é o medo entre as omó-
platas quando lhe voltas costas ele atinge-te

Reykjavik, Café Paris

De cinco em cinco minutos um avião cai
dos campos de lava do céu
(vi estas nuvens de chuva primeiro
lá de cima, ao aproximarmo-nos ainda não
havia comparação) dos fiordes a leste
a oeste a terra orienta-se
pelo céu e pelas marés
uma pele fina e móvel sobre o fogo
é a terra aqui pelas vidraças entra
o roncar dos aviões de hélice
e a chuva corre como um filme
que eles vão vendo: bêbados e melancólicos
marinheiros aviadores viajantes
e sobre montanhas de gelo em copos
de campari dão à costa olhares
azuis em olhos castanhos aproxima-se
um sorriso a aterragem nem se sente.



Katica K'ulavkova nasceu a 21 de Dezembro de 1951, em Veles (República da Macedónia). Escritora (poetisa, ensaísta e crítica). Frequentou a Faculdade de Filosofia na Universidade St. Cyril et Méthode de Skopje. Em 1986, apresenta a tese de Doctorat es science na universidade de Zgreb - “Les spécificités du lyrisme”. É actualmente professora na universidade de skopje, no Departamento de Literatura Geral e Comparada.

Publicações: Poesia: *Annunciation* (1975), *Act* (1978), *Our Consonant* (1981), *New Sweat* (1984), *Neuralgic Spots* (edição bilingue, Sérvio / Macedónio, 1986), *Thirsts* (1989), *Another Time* (poesia ficção, 1989), *Wild Thought* (1989), *Domino* (1993), *Expel of the Evil* (drama poético, 1997), *Time Difference* (1998), *Via Lasciva* (1998). Crítica: *Figurative Speech and Macedonian Poetry* (1984), *Step and Side-Step* (1987), *Specifics of Lyrics* (1989), *Longing for a System* (1992), *Concept and Interpretation* (1996), *Stone of Temptation* (1997), *Manuscripts* (1997), *Theory of Literature (introduction)*, 1999. *Black Sheeps* (ed.) - antologia de contos (1997), *Feminist Strategies* (ed.) - (1998), *Secret Room* - antologia de contos contemporâneos da Macedónia (Paris, UNESCO, 2000). Membro do Macedonian P.E.N. Centre (ex-presidente e vice-presidente honorário)

Tradução de Maria de Lourdes Guimarães a partir da versão inglesa

Too much freedom for a subject
rhetorician and philosopher.
To one has the right to be suspicious
and selfish
and to act according to his own accord.
To scheme plots.
Not to adore Nero
The world rests on the principle of power
Messalina was lenient when she banished
Lucius Aeneus Seneca to Sardinia...
The mountain peaks in the sea and above it
the Mediterranean ring of abysses and azure depths
do not refine the spirit of evil and crime
nor the sense of loyalty.
It is not enough to be an exile
and to be "Far away!"
which is a scale that balances
its own balance of fate.
Wise calmness is not the same
as humble subjection.
But I'll catch him, anyway.
With his example
my former teacher will show
which is the easiest path to "freedom"
ha, ha, ha!
He taught me how to punish him:
I'll let him commit a suicide
under stoic circumstances, now!
The Roman picnic grounds
are made for indifferent slashing of veins
for taking poison, warm baths and making fires
for slow introduction to dust.
And do not return, please
to bring me news that all went as planned.
Caesar takes no interest in that.

SECRETION

What will remain of us
will be our ejected
and secretive secretion
as small as a haiku, as a tiny
peak because of the distance
- as a sun

those living dregs
that with time we melt in
spasm by spasm, drop by drop
like blood donors.

It will remain at the bottom
neither heat nor thirst
won't help us
to sip from the secretion
and spit it, backward.

Dregs will become
even what we excreted by mistake
through the crack where
one life owes itself to another.

Our passion and desire will be tamed
and re-educated: we'll answer
to other names as if to ours.
Faith is temporary, oh *tempora*, oh *mores* !

Heaven then, like an experimental mirror
will sweat from our warm breath:

A simple proof for the cold, chilled
Bottom.

LEVIATHAN: THE WHITE WHALE

(In praise of Herman Melville's Moby Dick)

Vengeance is a white gush
a poisonous Druid
No man is your equal,
your path, a God's finger
pointed and real
echo of the Equator,
a frozen soul in the warm waters,
vengeance is a white gush, headingsouthward!
Your image is unreachable
godly, satanic, immortal
white, haughty - hey,monster
vain and greedy,
hey, Whale
your clear dewy rage
the bloody roar
the weed of your foam
- a lion's mane on your back
The word can describe you better
than an icon's paint, you false idol
- perverted sign on the whalers
Merciful marrow, core, rainbow
punish the heathens: hide the truth
you, cartilage of repentance
comply with God's wisdom
You, Magus
who frolics in the sea's abyss
- in the womb of the world
You, big nursling
heal your face from the depths
You, perfect lamia
splashy, oily, boiling, deadly... .

Grim laughter

Sing, O Goddess, of the gift to blaspheme
and sacrilege, of the grim laughter through tears and anguish,
recite in glory the ridicule of mortals,
the iambic mockery, the poisonous shriek
Give the joke to drink at its birth and death
the mask, the vice, the sin
Describe, O Eternal, the Cyclop's laughter
the blood's gurgle
scatter the circle in a ring of lines
in secret and passion, the gunpowder, the cartridge
in strict and meet meter
in the word magically reversed,*
with eyes at the neck,
in an old pattern, with a new faith
- who first mentioned the Name of God
he would perish unless there is
a sign in time
unless there is faith beside fraud
path beside abyss
absence beside presence
starlit forever.

*Umberto Eco in *The Name of the Rose* (Zagreb: GZH, 1984, 271) writes about the "secret wisdom which allowed different occurrences to be named with different words, and various Godly objects to be given earthly names"

METAPHYSICAL UNREST

I am overwhelmed by your ascesis
you take no pause you stand upright like a clay tablet coloured and compact, with
a dense interior
rhythm of myth and lyre
of body and lust
your face scratched by absence
like a wall of some ancient temple with slashes and slants
with codes and dates
like a censored and stigmatized book for which your soul craved
melted in a watercolour
without a single repeated
stroke. Nothing.
All is perfect from first to last.
And this drizzle, this trifling thought
will pass. Only your metaphysical unrest will remain
the scratches, the time's quill
over notebooks and frescoes
prolonged echo
of the word
your unrest, both when you paint and when you break!

Demasiada liberdade para um indivíduo
orador e filósofo.
Ninguém tem o direito de ser desconfiado
e egoísta
e atuar de acordo com o seu próprio acordo.
Maquinar intrigas.
Não adorar Nero

O mundo repousa no princípio da força
Messalina foi clemente quando baniu
Lucius Aeneus Séneca para a Sardenha ...

Os cumes da montanha no mar e acima dele
o anel mediterrânico de abismos e as profundezas azuis
não purificam o espírito do mal e do crime
nem o sentido de lealdade.
Não é suficiente ser-se desterrado
e estar "Distante !"
o que é uma escala que equilibra
a própria balança do destino.
A calma prudente não é o mesmo
que a sujeição humilde.
Mas, de qualquer modo, hei-de agarrá-la.
Com o seu exemplo
o meu primeiro professor vai mostrar
qual é o caminho mais fácil para a " liberdade"
ah, ah, ah!
Ele ensinou-me como vou castigá-lo:

Vou deixá-lo cometer um suicídio
em circunstâncias estóicas, agora!
Os campos romanos de piqueniques
são feitos para indiferentes golpes de veias
para tomar veneno, banhos quentes e fazer fogueiras
para um lento preâmbulo das cinzas.

E não regresses, por favor
para me dares a notícia de que tudo correu como planeado.
César não se interessa por isso.

SECREÇÃO

O que vai restar de nós
será a nossa secreção
secreta e expelida
tão pequena como um haikai, como um minúsculo
cume por causa da distância
- como um sol

essas escórias vivas
em que, com o tempo, nos fundimos
espasmo a espasmo, gota a gota
como dadores de sangue.

Permanecerá no fundo
nem calor nem sede
nos ajudarão
a beber lentamente a secreção
e a cuspi-la de volta.

As escórias tornar-se-ão
até no que evacuámos por engano
pela fenda onde
uma vida se deve a outra.

A nossa paixão e desejo hão-de ser submetidos
e re-educados: responderemos
a outros nomes como aos nossos.
A Fé é temporária, oh *tempora*, oh *mores!*

O céu então, como um espelho experimental
suará com o nosso bafo quente:

Uma simples prova para o frio e glacial
Fundo

LEVIATÃO: A BALEIA BRANCA

(Em louvor de Moby Dick de Herman Melville)

A vingança é um jorro branco
um Druída venenoso
Nenhum homem é teu igual,
o teu caminho, um dedo de Deus
apontado e um eco
real do Equador,
uma alma gelada nas águas quentes,
a vingança é um jorro branco, dirigindo-se para o Sul!

A tua imagem é inalcançável
piedosa, satânica, imortal
branca, arrogante - olha, monstro
presunçoso e insaciável,
olha, Baleia
a tua raiva transparente e orvalhada
o rugido sangrento
a erva daninha da tua espuma
- a juba de um leão no teu dorso

A palavra descreve-te melhor
do que a tinta de um ícone, tu, falso ídolo
- símbolo pervertido sobre os baleeiros

Medula misericordiosa, âmago, arco-íris
castiga os pagãos: esconde a verdade
tu, cartilagem do arrependimento
age de acordo com a sabedoria de Deus

Tu, Mago
que te divertes no abismo do mar
- no útero do mundo

Tu, grande fruto
vem curar o teu rosto das profundezas

Tu, lâmia perfeita
salpicada, oleosa, em ebulição, mortal ...

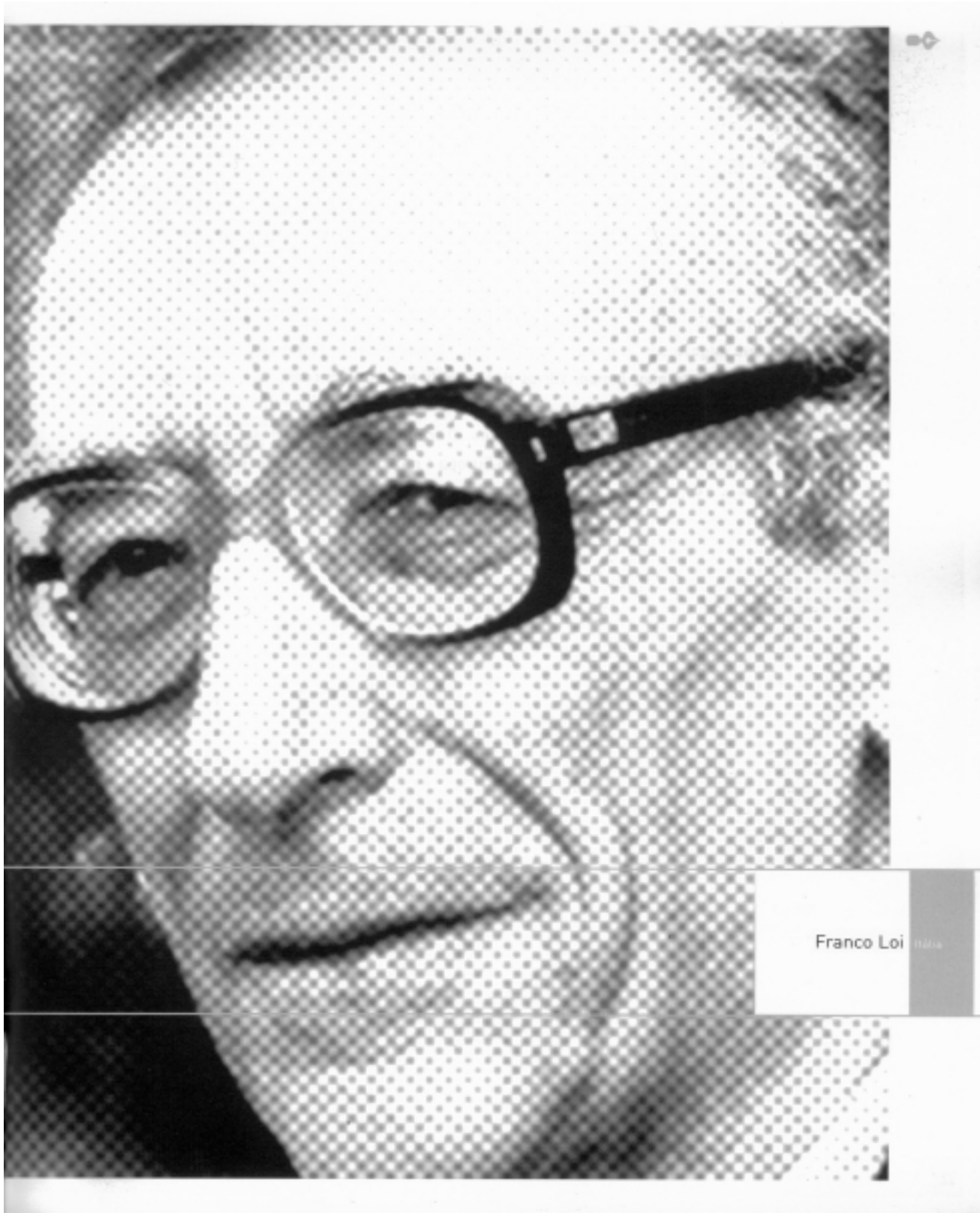
RISO CRUEL

Canta, ó Deusa, o dom da blasfémia
e do sacrilégio, o riso cruel por entre lágrimas e angústia,
recita em glória o ridículo dos mortais,
a zombaria jâmbica, o penetrante grito venenoso
Dá de beber ao gracejo no seu nascimento e morte
à máscara, ao vício, ao pecado
Descreve, ó Eterna, o riso de Cíclopes
o gorgolejar do sangue
espalha o círculo por um anel de linhas
em segredo e paixão, a pólvora, o cartucho
exacto e encontra a medida
na palavra magicamente oposta,*
com olhos no pescoço
num velho ideal, com uma nova fé
- quem primeiro mencionou o Nome de Deus
havia de perecer a não ser que haja
um sinal no tempo
a não ser que exista fé junto da fraude
caminho junto do abismo
ausência junto da presença
para sempre iluminada pelas estrelas.

** Umberto Eco em "O Nome da Rosa" (Zagreb: G Z H, 1984, 271) escreve sobre a "secreta sabedoria que permitia a diferentes acontecimentos serem designados por palavras diferentes e diversos objectos religiosos terem nomes ligados ao que é terreno".*

INQUIETAÇÃO MEFAFISICA

Estou confusa com a tua ascese
não fazes uma pausa manténs-te direita como uma placa de argila
colorida e compacta, com um interior denso
ritmo do mito e lira
do corpo e da luxúria
o teu rosto arranhado pela ausência
como uma parede de um velho templo
com cortes e linhas oblíquas
com códigos e datas
como um livro censurado e estigmatizado
pelo qual o teu espírito suspirava
liquefeito numa aguarela
sem uma única pincelada
repetida. Nada.
Tudo é perfeito do princípio ao fim.
E esta chuva fina, este fútil pensamento
há-de passar. Apenas a tua inquietação metafísica
irá permanecer
os arranhões, a pena do tempo
nas agendas e frescos
prolongado eco
da palavra
A tua inquietação, não só quando pintas
mas também quando despedaças!



Franco Loi Itália

Franco Loi

Nasceu em Génova, em 1930 e vive em Milão.

Começou a trabalhar aos 13 anos e foi ceramista, ferroviário, contabilista, publicitário. Entre

1960 e 1983 trabalhou na editora Mondadori e é colaborador, desde 1987, do suplemento

literário do diário "Sole-24 Ore", de Milão.

Publicou uns vinte livros de poesia, entre os quais, *I cart* (1973), *Poesie d' amore* (1974),

Teater (1978), *L' angel* (1981; aumentado em 1994 para os actuais quatro cantos em dialecto

e italiano sobre um homem que julgava ser um anjo), *Bach* (1986), *Memoria* (1991), *Arbur*

(1994), *Amur del temp* (1999)e, este ano, *Isman*. Vários dos seus livros são ilustrados por

alguns dos melhores artistas italianos.

Autor de vários ensaios, entre eles, *Diario breve* (1995) e *Poesia e religione* (1996).

Numerosos prémios e traduções na Europa e na América.

A Quetzal publicou-lhe *Memoria*, em 1993, após a sua participação no seminário de tradução

da Casa de Mateus.

Tradução de Manuel Simões

Mí, Diu, vöri pensàt, vöri savè.
Ma i mè penser de tí în mè penser,
în cume 'l füm de mí, 'na malatia
che süda la speransa d'un duman..
Ma Diu, fàm no pensà! Sparíss el füm
e turni a camenà durment in tí,
ch'inscí se scalda el balabiòtt nel sù,
e l'aria le véd no ma le respira,
e i penser în tütt penser de aria,
e calda l'è la vita, ver el sù.

Oh Italia matta d'una gent scumparsa,
amis che s'encuntràven per la strada,
tusann dai fresch bèj gamb, oh bèla rassa
che me faseva vív del sò parlà,
üsèj che sura nüm se inamurava,
cansun nel sù tra biciclett e tram:
e 'dèss sun sul e sculti la memoria
che vègn dal dulurà de la citâ,
e dénter g'û antiga la passienza,
ciali cuj piant e il ciel l'è sura mí,
lingér 'me quèl ventàss d'una pujana
che de lontan la fam la porta al vív.

Mí brasci el temp, e lü me porta via,
ch'inscí fa el vent quan che te respira
e par de respirà del fiâ de lü.
Cusciensa maledetta de la storia,
aria di gent ch'în mort in del sugnà,
busía che te fa créd che sia la vita
e l'è quèl nient che passa al memurià,
passiensa che del temp l'è la nemisa,
svampa del fiâ d'un spègg senza vardà.
Oh lüs, che quan la védum l'è già umbría,
dulur del vèss 'me d'aria che se sa.
Mí vardi e vardi no, tasti el silensi,
refless del nient che fa del nient scultà.

L'umbra d'un diu passeggia den' de mì,
un temp che vègn daj oss, dal vîv, di ann,
aria de la memoria, del duman...
Mì vurariss parlàgh, sentìl den' mì,
scultà la sua sapiensa, e, deslassâ,
savè che sun de lü e chi sun mì.
Ma l'umbra va e la turna, e sun luntan,
e senti dumâ l'aria di penser
ch'j porta el vōj e dré vègnen i ser.
Oh diu, che te sté scund, senza pietâ,
ti cerca i can e sculta se sun mì,
che l'òm ormai l'è mort, el s'è scurdâ.

Mí seri un àlter, e me vardavi mör
cume se varda l'umbra nel durmí.
La mort la fa paüra dent al cör
e scappa dré d'un spècc, e quèl sun mí.
Vardi la vita e mör la voluntâ:
fí sé ve pias, ma, per piasè, duprím !
Ciamím, ciamím, oh gent, fím no durmí,
che la mia storia senti smentegada
e mí deventi l'òm del mè murí..
Amur che vègn in mí da la slünada,
oh gioia d'aqua che la va tra i vív!

Eu, Deus, quero pensar-te, quero saber.
Mas o meu pensar-te é só o meu pensar,
sou como o fumo de mim, uma doença
que sua a esperança dum amanhã...
Mas Deus, não me faças pensar! Esvai-se o fumo
e torno a caminhar dormente em ti,
que assim se aquece o inocente ao sol,
e o ar não o vê mas respira-o,
e o pensar são tudo pensamentos de ar,
e quente é a vida, vero o sol.

Oh Itália louca duma gente sumida,
amigos que se encontravam na rua,
moças de frescas e belas pernas, oh bela raça
que me fazia viver no seu falar,
aves que por cirna de nós namoravam,
canções no sol entre bicicletas e eléctricos :
agora estou só e escuto a memória
que vem do dolorar da cidade,
e dentro cultivo, antiga, a paciência,
falo com as plantas e o céu está sobre mim,
leve como aquele ventar dum gavião
que de longe a fome leva à vida.

Abraço o tempo e ele me transporta,
assim faz o vento quando te respira
e parece respirar do sopro dele.
Consciência maldita da história,
ar de gente morta ao sonhar,
mentira que te faz crer que é a vida
e é aquele nada que passa ao recordar,
paciência que do tempo é inimiga,
embaciar do sopro num espelho sem olhar.
Oh luz, que quando a vemos é já sombra,
dor do ser como ar já conhecido.
Eu olho e não olho, tacteio o silêncio,
reflexo do nada que faz do nada escutar.

A sombra de um deus passeia em mim
um tempo que vem dos ossos, do viver, dos anos,
ar da memória, do amanhã...
Eu queria falar-lhe, senti-lo em mim,
escutar sua sapiência, e, desenvolto,
saber que sou dele e quem sou eu.
Vias a sombra vai e volta, estou longe,
e sinto apenas o ar do pensamento
que traz o vazio e atrás vêm as noites.
Oh deus que estás oculto, sem piedade,
procura os cães e escuta se sou eu,
que o homem já morreu, e se esqueceu.

Eu era um outro, e via-me morrer
como se olha a sombra ao dormir.
A morte faz pavor ao coração
foge para trás dum espelho, e aquele sou eu.
Olho a vida e morre a vontade:
Façam o que quiserem mas, por favor, usai-me!
Chamai-me, chamai-me, oh gente, não me deixem dormir,
que esquecida sinto a minha história
e torno-me no homem do meu morrer...
Amor que vem até mim do luarejar,
oh alegria d'água que passa entre os vivos!



Adília Lopes (pseudónimo de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira) nasceu em 1960, em Lisboa. Tem vivido sempre na mesma casa, habitada pela família da sua mãe desde 1916. É solteira, não tem filhos, vive com dois gatos: a Ofélia (com 13 anos) e o João Paulo (com um ano).

Começou por frequentar colégios de freiras. Na Universidade, em Lisboa, licenciou-se em Literatura e Linguística Portuguesa e Francesa (1983-1988), fez também estudos de Física, Química e Matemática que não concluiu (1978-1982). Especializou-se em Linguística como bolsista do Instituto Nacional de Investigação Científica (1989-1992). Especializou-se em Ciências Documentais (1992-1995). Trabalhou nos espólios de Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio e José Blanc de Portugal. Em 1999 ganhou uma bolsa de criação literária do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Escreveu uma peça de teatro, *A birra da viva*, que foi levada à cena em 2000 pela Companhia de Teatro Sensurround dirigida por Lúcia Sigalho.

Continua a trabalhar em teatro com Lúcia Sigalho e em crítica textual com Ivo Castro. Participa em programas de rádio e de televisão. Escreve para as revistas *Livros* e *Pública*. Vive com o apoio económico do seu pai.

O seu último livro publicado *OBRA*, Lisboa, Mariposa Azul, 2000 (com três ilustrações inéditas de Paula Rego) reúne todos os seus títulos de poesia: *Um jogo bastante perigoso* (1985), *O poeta de Pondichéry* (1986), *A pão e água de Colónia* (1987), *O Marquês de Chamilly* (1987), *O decote da dama de espadas* (1988), *Os 5 livros de versos salvaram o tio* (1991), *Maria Cristina Martins* (1992), *O peixe na água* (1993), *A continuação do fim do mundo* (1995), *A bela acordada* (1997), *Clube da poetisa morta* (1997), *Sete rios entre campos* (1999), *FLoabela Espanca espanca* (1999), *Irmã barata, irmã batata* (2000), *O regresso de Chamilly* (2000).

Está traduzida em castelhano, italiano, francês, inglês, servo-croata, alemão e holandês.

Tradução de Catherine Dumas

O vestido cor de Salmão

Ai de mim estreei o meu vestido cor de salmão
no primeiro baile a que fui
durante o baile fiquei sentada numa cadeira
ninguém me convidou para dançar
a uma rapariga importuna
que me perguntou porque é que eu
não dançava
respondi eu não sei dançar,
ela insistiu comigo para que eu
bebesse uma taça de *champagne*
eu acedi
mas não foi dessa vez que bebi *champagne*.
pela primeira vez
porque a rapariga entornou a taça
no meu colo
julgo que propositadamente
com a nódoa o vestido deixou de ser para bom
passou a ser para bater
durante uma viagem curta de comboio
uma faúlha do comboio (que era a lenha)
queimou-o no punho
foi fácil substituir o punho
porque no Penim onde a minha mãe tinha comprado
o corte de tecido cor de salmão
ainda havia esse tecido cor de salmão
mas durante um passeio à praia
sentei-me numa rocha
e ao levantar-me precipitadamente
por ver que ia rebentar uma trovoada,,
o vestido ficou preso à rocha
e rasgou-se irremediavelmente
ao despi-lo vi que o vestido tinha já
a forma do meu corpo

rasguei-o em pedaços
e guardei os pedaços
na cesta dos trapos
de um dos pedaços fez-se um vestido
para a boneca da minha irmã mais nova
e deste mais tarde fez-se um vestido
para a filha da boneca da minha irmã mais nova
que era uma boneca mais pequena
que caiu a um poço

in O Decote de Dama de Espadas

Avó Alda de lar da terceira idade
em lar da terceira idade
até morrer
a fugir para a rua
a partir braços
a arranhar a cabo-verdiana
contratada para tomar
conta dela
arrancou os anéis dos dedos deformados
e foi pô-los na terra do vaso
da begónia
na varanda

Reconciliada com as memórias

“C'o largo Mar de tua Graça imensa?”

D. Francisco Manuel de Melo,

«Antes da confissão»

Eu no espelho
colada com cola
mais bela
do que dantes
como o prato Zen
que tem as fracturas sublinhadas
com ouro
obra da fortuna
má e boa
obra da falta de afecto
e do afecto
Narciso e anti-Narciso viver para crer

Mea culpa

Lamento profundamente
a ninhada afogada
pela Maria do Carmo
a meu pedido
a aflição do Nariz Branco os gatinhos molhados
que eu recolhi no quintal das Fredericas
que tiveram coragem
para os regar
mas que me disseram
eu não tinha coragem
a gata volta-se contra si levei os gatinhos
no saco de plástico
para casa
o Nariz Branco nunca
me fez mal
quis poupar os frutos do ventre
da gata
ao sofrimento
ou antes quis
poupar-me a mim
o sofrimento
de ver os gatos crescer a sofrer
porque tudo o que nasce
é para sofrer
como dizia a Ireninha

La robe saumon

Pauvre de moi j'ai étrenné ma robe saumon
la première fois que je suis allée au bal
pendant le bal je suis restée assise sur une chaise
personne ne m'a invitée à danser
à une fille importune
qui m'a demandé pourquoi je
ne dansais pas
j'ai répondu je ne sais pas danser
elle a insisté pour que je
boive une coupe de champagne
j'ai accepté
mais ce n'est pas encore cette fois j'ai bu du champagne
pour la première fois
car la fille a renversé la coupe
sur mes genoux
je crois qu'elle l'a fait exprès
une fois tachée la robe n'était plus bonne à rien
plus bonne que pour tous les jours
pendant un court voyage en train
une étincelle du train (qui marchait au bois)
l'a brûlée au poignet
ce fut aisé de remplacer le poignet
car au Penim où ma mère avait acheté
le coupon de tissu saumon
il y avait encore de ce tissu saumon
mais lors d'une promenade à la plage
je me suis assise sur un rocher
et en me levant précipitemment
car je voyais qu'une tempête allait éclater
la robe est restée accrochée au rocher
et s'est irrémédiablement déchirée
en me déshabillant j'ai vu que la robe avait pris
la forme de mon corps

je l'ai déchirée en morceaux
et j'ai gardé les morceaux
dans la corbeille aux chiffons
avec l'un de morceaux j'ai fait une robe
pour la poupée de ma petite soeur
puis on a fait une robe avec
pour la fille de la poupée de ma petite soeur
qui était une poupée plus petite
qui est tombée dans un puits

in *O Decote da Dama de Espadas (Le décolleté de la Dame de Pique)*

Grand-mère Alda de foyer du troisième âge en foyer du troisième âge
jusqu'à sa mort
qui s'enfuit dans la rue
qui casse des bras
qui griffe la Cap-verdienne
engagée pour
s'occuper d'elle
a arraché les bagues de ses doigts déformés
puis est allée les mettre en terre dans le pot du bégonia
sur le balcon

in O Peixe na Água (Le poisson dans l'eau)

Réconciliée avec les souvenirs

"C'o largo Mar de tua Graça imensa?"

D. Francisco Manuel de Melo, "

Antes da Confissão".

Moi dans le miroir

collée à la colle

plus belle

qu'auparavant

comme fassiette zen

avec ses fractures

soulignées

à l'or fin

oeuvre de la fortune mauvaise et bonne

oeuvre du manqué d'affection Narcisse et anti-Narcisse

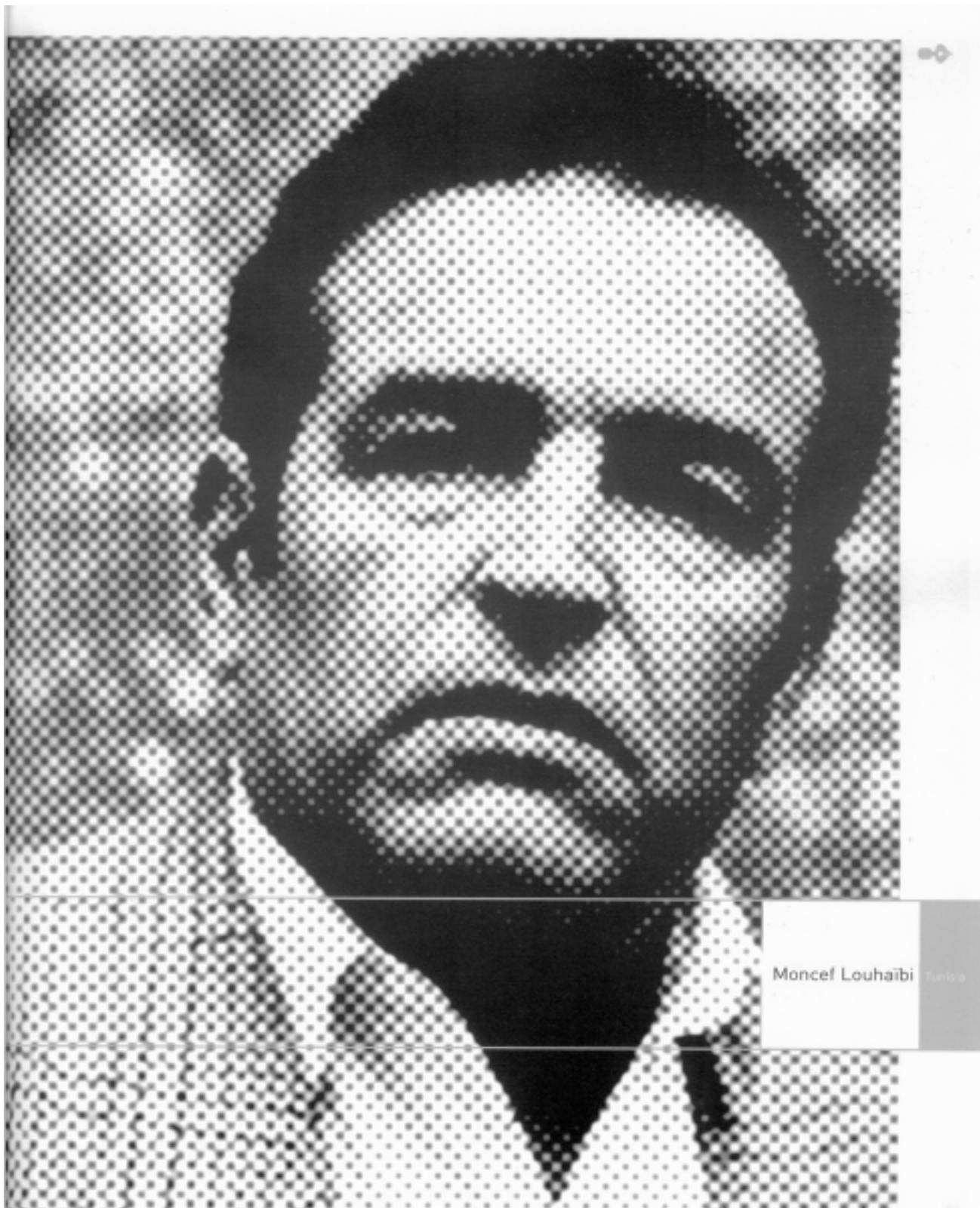
vivre pour croire

in O Peixe na Água

Mea culpa

Je regrette profondément
la nichée noyée
par Maria do Carmo
à ma demande
l'affolement de Blanc Museau
les chatons mouillés
que j'ai recueillis dans le jardin
des Frédérique
qui ont osé
les arroser
mais qui m'ont dit
moi je n'oserais pas
la chatte va se retourner contre vous
j'ai emporté les chatons
dans le sac plastique
à la maison
Blanc Museau ne m'a jamais
fait de mal
j'ai voulu épargner aux fruii du ventre
de la chatte
la souffrance
ou plutôt j'ai voulu
m'épargner à moi-même
la souffrance
de voir les chats grandir et souffrir
parce que tout ce qui naît
doit souffrir
comme dirait Ireninha

in O Peixa na água (Le poisson dans l'eau)



Moncef Louhaïbi Tunisia

Moncef Louhaibi

Nasceu em 1949, em Kairouan (Tunísia). Apresentou a tese de Mestrado na Universidade de Tunis, em 1987 - *Corps visible et corps imaginé dans la poésie d'Adonis*. É professor-assistente na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Kairouan (Língua e Literatura Árabes).

Obras publicadas: *TabLettes*, Tunis, 1982, *De la mer viennent les montagnes*, Tunis, 1991, *Manuscrit de Tombouctou*, Tunis, 1998, *Métaphysique de la rose de sable* (Prémio Chabbi), Tunis, 2000. Cinema: Documentário-Ficção (curta metragem) *Devant les portes de kairouan* (visita de Paul Klee a Kairouan em 1914), Tunis, 1996. *En attendant Avérroes*, documentário-ficção, Tunis, 1998.

Tradução de Rosa Alice Branco a partir da versão francesa

Tataouine (Deserto - o pequeno Emir dos Tuaregues)

O que devo é escrever
Agitando-me entre o meu eco e a voz
Entre o meu eco e a morte
Caminhando sobre as minhas artérias:
Esta corda estendida ... lentamente
Retendo-me entre o polegar e o médio
E descendo a tua escada que se despenha
Onde o sono treme sobre o polegar do sonho
Para escutar a areia, as gotas das goteiras
O galope dos cavalos, passos doces atravessando
A noite do deserto
Onde planam quimeras em voo prateado
Onde a sombra: poeira azul,
Sobe do abismo até ao céu verde
Onde o meu coração terá uma pele rubra
Em forma de pássaro
Que hei-de lançar ao falcão
E caminharei no ouro do vento
(Eu, o mais insólito de entre os meus semelhantes)
Num corredor de colares de mármore,
Até à morada dos berberes e aos seus celeiros.

- - - -

Não longe daqui! Em breve serás riscado da lista dos vivos
Ensina o Moncef a estar entre os mortos
Em Matos e em Bomary
Como erigir para eles uma missa
Como lhes preparar, neste horizonte ferido,
Um jantar secreto
(Os mortos, como morrem!)
Ensina o Moncef a desempenhar
Umhas vezes o papel dos que despistam o rasto,
Outras, o papel dos príncipes!
É o fim do mundo
Ou o seu começo

Que importa
Se prendes os cavalos ou os libertas
Só há tendas de aves migratórias
Só dunas dobradas em vez de lenços de seda
(que secavam o frio das tuas noites)
Só as janelas cegas do palácio
(mechas de prata cintilando na luz azul)
Só as catacumbas
Só o príncipe, mudo como ouro
Serenos como a seda
Rolando na erva ainda a despontar
Ou prosternando-se nas tábuas de Imazigh,
Tal como nos inclinamos sobre o poço,
Ou brotando como a seiva sob a casca.
Ele vê a pedra cristalina
(É a noite descendo das alturas)
E o esquife balouçando no Mediterrâneo
Vê a falésia em verde cobre
E o farol piscando como um falcão ferido
Até à lonjura
O pequeno príncipe já não se lembra
De onde e como veio!

(Avancemos mais ainda!)
Há uma tenda em pele de bovino
Onde a água baptiza o nosso vinho
Saúdo aos meus companheiros de estrada
Até ao fim do meu canto
Agitamos tochas nos cimos de Matos ou
Descemos guiados por conchas de estrelas
Por árvores calcinadas ou vestígios de dinossauros
Vemos nascer prados de rosas de areia
Nascimento do deserto!

Haverá ruínas mais belas do que as minhas?
Tendo partido a deusa do deserto e só deixando
Louça cerâmica nos fornos
Pó de marfim ardido para o teu corpo
O rasto do vento enrola-se na argila de Tlekht
A sombra do meu silêncio precede-me de longe
Mas para que norte ou que sul
Inclinei o coração
Sem chegar ao fim do deserto

Como se não tivesse mudado de lugar
Como se as montanhas de Hogar
Me acompanhassem
Como se eu fosse uma esfera rolando!

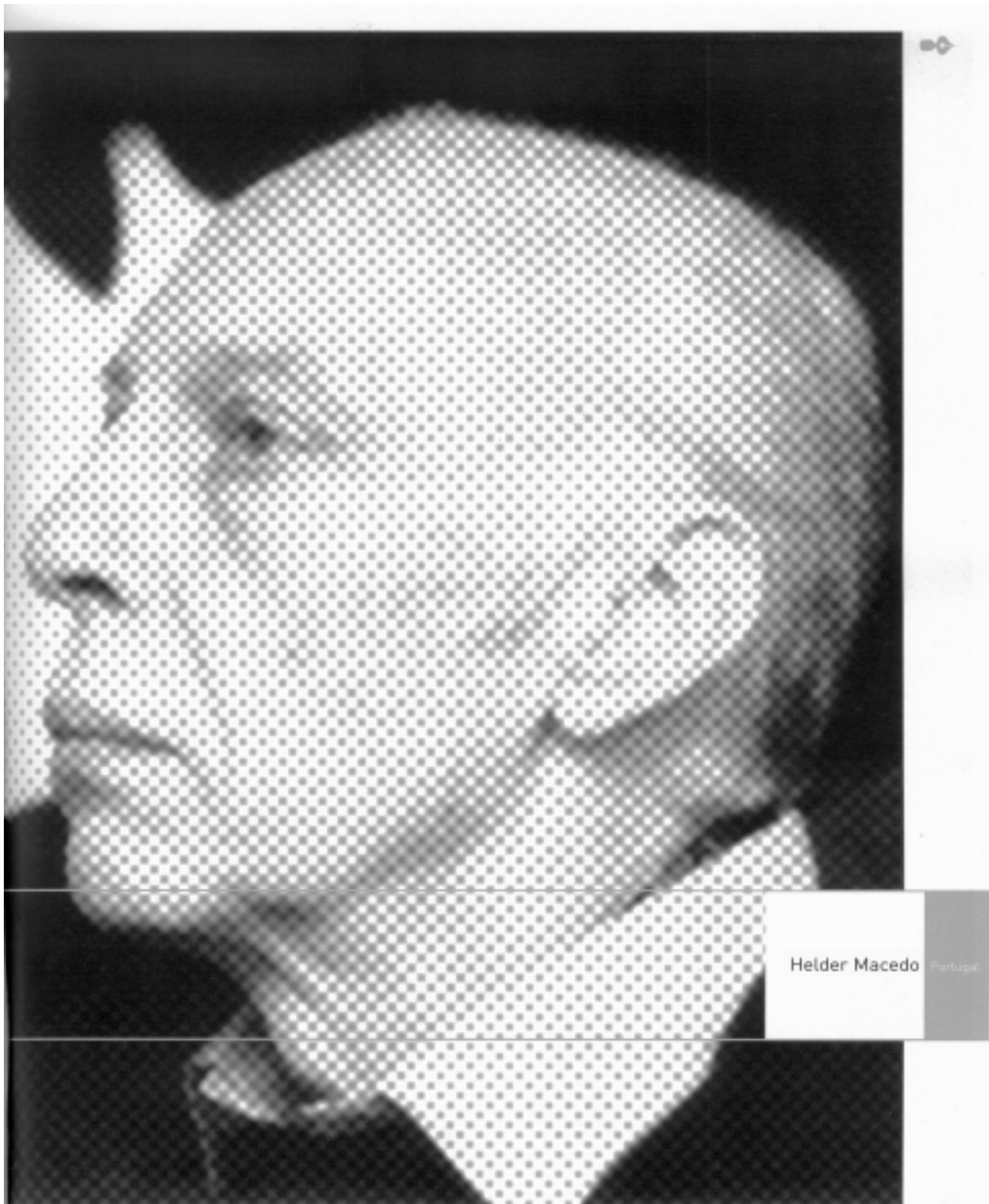
Aí, onde não há fim
Começa a jornada do emir
Uma morada de juncos entrançados, de palmas e de argila
Da janela vê-se o rio Igarcar
Correndo órfão para o norte até Tekrout
E caravanas de Gat carregadas de incenso do Sudão, goma
Arábica, moscada
Carregadas de ébano, de murta e de marfim
(Avancemos mais
até Wadi Nakrif
Chegaremos a Ifrikia, de madrugada, através das fontes!)
E a terra balouçava sobre uma sela de madeira
Ou sobre um alforje de pele de cabra
Oh deserto, uma vez mais atravessado,
Como as tuas areias lançaram na confusão
O azul das nossas caravanas?
Como? E nós que substituímos
O sol pelo canto do galo
Das coisas só conhecemos
O mutismo, a surdez e a cegueira?

Que tudo o que é belo em nós
regresse!
O dia agita-se, os nossos corpos ressequidos
Flutuam sob um tecto de chumbo
Que regresse uma ..duas...três vezes!
Sob o céu indiviso
O vento inclina-se
E o fogo veste-se com a forma da noite.
Assim seja!
Para o pequeno príncipe
O desabrochar de palavras pequenas
Que se repelem ou atraem
Na brancura
Todas as vezes que a morte vem
É ele quem deve calar-se e esconder-se na gruta

Como um animal
Saudando pela última vez,
Através de uma fresta, a sua sombra
Que se separa do seu último eco.

Uma sombra cónica sacudida
Pelas viaturas que passam
O deserto faz girar o cobre da areia
Na água do sol
E mais longe no oiro do vento
Flutua uma pele rubra
Em forma de águia
Janelas cegas e colunas de argila
Apontam para os “Ksars” de Tataouine.

- Tataouine: cidade do sul da Tunísia;
o seu nome berbere significa: fontes de água



HELDER MACEDO nasceu em 30 de Novembro de 1935.

O seu primeiro livro de poemas foi *Vesperal* (Colecção Folhas de Poesias, Lisboa, 1957). O mais recente é uma antologia poética reúne selecções de dez títulos: *Viagem de Inverno e Outros Poemas* (Editora Record, Rio de Janeiro, 2000).

Publicou três romances, com edições em Portugal (Editorial Presença) e no Brasil (Editora Record): *Partes de África, Pedro e Paula* e *Vícios e Virtudes*. *Pedro e Paula* será publicado em tradução italiana (Einaudi) e espanhola (Tusquets) em 2001.

É também autor de uma vasta obra ensaística, da qual o livro mais recente foi, *Viagens do Olhar: Retrospecção, Visão e Profecia no Renascimento Português* (Campo das Letras, Porto, 1998), escrito em colaboração com Fernando Gil (Prémio do PEN Clube Português e Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Internacional dos Críticos Literários).

Reside em Londres, onde é professor catedrático de estudos portugueses no King's College (Camoens Professor of Portuguese). Foi Secretário de Estado da Cultura em Portugal, no governo de Maria de Lourdes Pintassilgo, (1979).

Tradução de Suzette Macedo

Cinco poemas de Viagem de inverno

2

Um salto de raposa sobre a estrada
último sol à beira da fronteira.
Depois somente a sombra
duma lua diurna
a câmara dos ecos
e círculos de corvos sobre a neve.

Viagem de inverno
metáfora fechada deslizando
em espelho opaco
gotícula de sémen
pulsando sobre pele infecundada
contexto desconexo

viagem literalmente de inverno
literalmente viagem
por estradas escorrendo rios turvos
nas ondas congeladas das montanhas
com troncos encravados
mastros brancos de frotas soterradas

até que muito ao Leste
o hotel aberto
vazio e duvidoso
galo campestre em luxo desplumado
e onde o chefe já perdera a estrela
por exagero de maçã nos molhos.

Paguei a conta da viagem grátis
anos depois
a prestações com juros agravados
quando era já difícil recordar
para onde vim
e ao que vinha quando aqui cheguei.

Não sobra nunca muito a quem só chega
nem o regresso
que seria outro chegar ao não-lugar
que só existe no se ter deixado
e assim ficou
como um jardim coberto em selva escura.

Tenho ainda o recibo e a mala velha onde trazia
o guia de turismo traduzido
da língua original que já esqueci
ou nunca soube
noutra língua também desconhecida.

O laranjal coberto de limões

no corpo suculento da memória
os sulcos desgastados do inverno

no areal perene das marés músculos frouxos celulite veias

em ti amor em ti no que nós somos
o incenso e a mirra do desejo

a erecção precária e persistente
nos lábios das entranhas do luar

a noite a luz a sombra a madrugada.

Fui ver e era mesmo uma raposa
como a outra que atravessou a estrada
aguardando deitada na varanda
onde o gato capado dorme os dias
indiferente à vida libertária
em bocejos de carnes enlatadas.

Se a raposa chamava tinha de ir
dei ao gato a ração obrigatória
e a varanda era a selva a rua o mar
a raposa vermelha um autocarro
dos que não chegam nunca ou já passaram
e exigem sempre o pagamento exacto.

Donde parece que a moral da história
ficou suspensa entre raposa e gato
num protesto aos transportes colectivos
quando afinal a rua extravasou
a selva é sem regresso e sem saída
e todo o viajante é solitário.

Eu sabia por ela as estações
os esquilos os corvos as gaivotas.
Chegada a primavera abria os nós
em flores precipitadas e carnudas
de longas redondezas tacteantes
que batiam no vidro da janela.
Não dava fruto a minha castanheira
e na verdade não era sequer minha
ou só seria porque nos olhámos
cada manhã por mais de trinta anos.
Mas dava flores e esquilos e gaivotas
verão outono corvos primavera
sem contabilidades biológicas
doutas fertilidades transmissíveis.
Dava flores como se desse versos
sem precisar por isso de escrevê-los
como os amantes se amam num só corpo
sem ver onde um começa e o outro acaba
aberta toda em lábios vaginais
com uterinos longos falos brancos.
Também este ano floriu no tempo certo.
Mas o inverno chegou em plenas maias.
Disseram que a raiz rachou ao meio
que o centro do seu tronco estava oco
não percebiam como tinha flores.
Cortaram membro a membro a minha árvore
ficou só a raiz e o seu vazio
e sobre o campo em volta a neve quente
das suas flores perplexas
impossíveis.

Five poems from Winter Journey

2

A fox's leap across the road
last sun on the threshold of the frontier.
Then only the shadow
of a diurnal moon
the echo chamber
and crows in circles on the snow.
Winter journey
closed metaphor slithering
on an opaque mirror
droplet of semen
pulsing on unfecundated skin
unconnected context
journey literally in winter
literally a journey
along roads oozing turbid rivers
in the frozen waves of the mountains
with embedded trunks
white masts of subterranean fleets
until well to the East
the country hotel
empty and dubious
a five-star farmyard cock with feathers plucked
because the chef had lost a star
for using too much apple in his sauces.

7

I paid the bill for the free journey
years later
paid it in instalments with added interest charges
when I hardly could remember
where I'd come
and what I'd come for when I got here.
There's never that much left for those who just arrive
not even going back
which would be to arrive again at the non-place
that only exists in being left
and so remains
a garden buried in a dark wood.
I still have the receipt and battered bag
where I put the tourist guide
translated from a language
I have now forgotten
or never knew
into another equally unknown.

18

The orange grove covered with lemons,
the erosion of winter grooves
in the luscious body known by heart
flabby muscles cellulite and veins
in the tides of the perennial dunes
in you my love in what we are
the frankincense and myrrh of lust
an erection precarious and persistent
against the innards of the moonlight's lips
the night the light the shadow the dawn.

20

I went to look and saw it really was a fox
like the one that ran across the road
waiting outspread on the porch
where the neutered cat sleeps out its days
indifferent to the libertarian life
and yawny from a diet of canned flesh
Since the fox was calling I had to go.
I gave the cat its daily ration
and the porch was a jungle the road the sea
the red fox a bus
like those that never come or have just gone
and always require the right fare ready.
So it seems that the moral of the story
is hanging between fox and cat
in a protest against collective transport
when after all the road has overflowed
the jungle has no way back and no way out
and everyone who travels is alone.

23

I knew the seasons by its changes
the squirrels the crows the seagulls.
Spring came and it opened its knots
in precipitate and fleshy flowers
of tactile elongated fullness
that tapped upon the window pane.
It bore no fruit my chestnut tree
and factually it wasn't even mine
or only mine because we'd eyed each other
every morning for over thirty years.
But it bore flowers and squirrels and seagulls
summer autumn crows spring
ignoring the biological accounting
of transmissible fertility.
It bore flowers as if bearing poems
and didn't need to write them down
like lovers loving in a single body
not knowing where one ends and the other begins
wide open in vaginal lips
with uterine long phallic flowers.
This year again it flowered on time.
But winter came in flowering May.
They said the root had split in two
the trunk was hollow at the heart
they couldn't understand how it bore flowers.
They cut my tree down branch by branch
leaving only the root and its emptiness
and on the ground below
the hot snow of its puzzled
impossible
flowers.



Mary O'Malley Irlanda

Mary O' Malley

Nasceu em Connemara, County Galway, Irlanda.

Passou largo tempo em Portugal onde nasceram os seus dois filhos.

Eleita para Aosdana, a Academia irlandesa de artistas, em 1998.

Tem feito leituras por toda a Irlanda, onde mantém também intensa actividade radiofónica, que considera um 'meio de comunicação natural' para os poetas, colaborando também em programas televisivos. Desloca-se frequentemente a Universidades dos Estados Unidos da América e tem-se empenhado, desde os anos oitenta, em actividades ambientais e pacifistas. Fez parte do comité directivo de uma conferência internacional sobre a desmilitarização dos oceanos. Durante várias épocas esteve na organização do Cuirt Festival.

É membro do Council of Poetry Ireland e leitora no University College de Galway. Muito ligada às culturas latinas, ama e pratica a língua portuguesa falada e escrita.

Publicou os seguintes livros de poesia: *A Consideration of Silk*, 1990; *Where the Rocks Float*, 1993; *The Knife in the Wave*, 1997; *Asylum Road*, 2001 - todos editados pela Salmon Press.

Ganhou o Hennesey Award em 1990 e está integrada, desde 1994, em várias antologias.

Tradução de Hélia Correia

MACCHU PICCHU, INIS MOR

For Pura Lopez Colome

On the ferry out we talk about marvels: The poet that left a mistress for his wife -
And translate images; they break the surface Of our talk like new islands. To the
west A red heart bleeds over the airstrip, To the east, licked by terra cotta flames
A Daz-white angel is fighting the devil for a soul- He pulls desperately on one
leg But the devil has him by the head. The soul Scorched and nearly torn in two
Is wearing a bainin jacket and Reebok trainers - It must be the Gaeltacht they're
intent on saving. He is hacking at them both With a rusty halo bent into a T na G
logo. What would that mean in Mexico? Well, you tell me in accented English,
'The little guy in the middle is the loser.' The devil spins around and flashes us a
smile Like Al Pacino. I chant O'Flatharta's's ode to the cregg, Which flowers as
we roam the island. Small fields of primroses and gentians Have the terrible
freshness of lost children. Here sweet accidents are married to hard labour. Poets
make uneasy pagans. Chiapas, you say, Chiapas, and tell me That in Mexico
there would be red earth. 'And scorpions' to give the last line bite. We have sirens
and seashells in common Though later at Dun Aengus I angle My body out from
the clefts in the limestone In case. This small stone citadel Is no match for
Oaxaca or Macchu Picchu but it serves the same purpose - As good a place as
any to start the past, To offer gifts of older Gods, Celtic or Mayan, it doesn't
matter; They are idols of our own desire to comfort Those who swept up the mess
Left by torture, emigration, famine, Again and again and again. The ones that
were left. There must have been more to their lives than this We think, they must
have had simple faith, If only in the dead partying along the seashore, The caoin
of a guitar, white roses on the water.

THE LIGHTCATCHERS

For Maeve on her eleventh birthday

St. Brigid's Day comes storming in I make my act of faith in Spring. The mystery of planting - what grows in bleak or lush places is on us. A courgette swells from orange flowers And the untilled rock yields sea thrift.

We reaped the wind and you came Child of hibiscus and cinnamon. No statue from a cold museum You spark and shine through every room In the house.

Home is the husk. Soon you will shuck it off to go dancing.

Look how for centuries we nourished sons, Buried the girl children, bound their feet. Did we think it would make no difference? As we slouch towards the millenium The portents are all for the world ending. Soldiers are sprouting along every border. They are tumbling Out of their mothers' wombs with guns.

Something has changed. You are eleven this Saint Brigid's Day. Last year's party girls in coloured dresses Are swirling over our honey timbered floor, A carousel of lightcatchers Tinkling like Christmas chimes. This year they will be more faceted still. The music slows.

I hang a cross of fresh rushes. There is a stretching under the ground, A reaching for the sun. Brid, open your throat and bless them! Let this treasury of minded daughters Planted as sapphires Ripen across the continents into rubies.

THE SPANISH LADY

What, you ask, made me want to get away? Things that happened. Or didn't - you know how it is. A dream of wrecked ships across the moon, The belief, growing into certainty, that I was born In Fuento Vaqueros in Southern Spain. Years later, when an old man handed me a red carnation in the Granada sun I knew I had followed the right dream.

Have no fear I will forget the qoutidian, Your beloved particular. Who could imagine The effect of oranges on a child reared on rock; What desire is squeezed into her thin hand Reaching for the home-from-hospital fruit, the fire in those small dimpled suns?

Macchu Picchu, Inis Mor

Para Pura Lopez Colome

No barco, ao largo, falamos sobre prodígios:
O poeta que trocou a amante pela mulher -
E traduzimos imagens; elas irrompem na superfície
Da nossa conversa como ilhas recém-nascidas. Para ocidente,
Um coração vermelho sangra sobre a pista de aterragem,
Para leste, lambido por chamas de terra cota,
Um anjo de uma brancura de Tide trava uma luta com o demónio pela posse de
uma alma.
Puxa desesperadamente por uma perna
Mas o demónio tem-no agarrado pela cabeça. A alma,
Chamuscada e quase rasgada em duas
Usa um casaco à velha maneira de Connemara e ténis Reebok.

Deve ser a zona em que o gaélico é cultivado,
Mesmo de modo pouco natural,
que eles estão decididos a salvar.
Ele fá-los a ambos em pedaços
Com um resplendor dobrado em forma de T na G.
Que significado teria isto no México?
Bom, dizes-me em inglês com sotaque,
' O baixote do meio é quem está destinado a perder'.
O demónio põe-se a rodopiar e lança-nos um sorriso fugidio
Como Al Pacino. Eu entoo a ode de O'Flatharta às lajes de calcário
Que oferece as suas únicas florações à medida que erramos pela ilha.
Pequenos campos de primaveras e de gencianas
Têm a terrível frescura de crianças perdidas.

Aqui os suaves acidentes acham-se unidos ao trabalho árduo.
Os poetas dão pagãos impertinentes.
Chiapas, dizes tu, Chiapas, e contas-me
Que no México costumava haver terra vermelha.

‘E escorpiões’, para dar a derradeira picada.
Em comum temos conchas e sereias,
Ainda que mais tarde, em Dun Aengus, eu incline o meu corpo para fora das
fendas
Nas lajes de calcário,
à cautela. Esta pequena cidadela de pedra
não se equipara a Oaxaca ou a Macchu Picchu,
mas serve para o mesmo propósito -

Um lugar tão bom como qualquer outro para que o passado se inicie,
Para entregar oferendas de antigos Deuses,
Celtas ou Maias, não importa.
São ídolos do nosso próprio desejo de consolar
Aqueles que varreram a porcaria
Deixada pela tortura, emigração, fome,
Veze e veze sem fim. Os que foram deixados para trás.
Deve ter havido nas suas vidas mais do que aquilo
que pensamos, devem ter cultivado uma singela fé,
nem que fosse apenas nos mortos que fazem as suas festas ao longo das praias,
o lamento fúnebre de uma viola, rosas brancas sobre as águas.

Os pequenos vitrais

Para a Maeve, no seu 11º aniversário

O dia de Santa Brígida chegou, com as suas tempestades,
A minha comunhão solene é na Primavera que vem.
O mistério de plantar - aquilo que cresce
em lugares ermos ou luxuriantes está sobre nós.
Uma aboborinha aumenta de tamanho saindo de flores cor de laranja
E a rocha inculta produz as suas armérias marinhas.

Fomos colher o vento e tu chegaste
Filha do hibisco e da canela.
Não és estátua encontrada num gélido museu.
Deitas chama e brilho por todos os lugares
da casa. O lar é a vagem.
Em breve a romperás para ires dançar.

Vejam como durante séculos alimentámos os filhos varões,
Escondemos as raparigas, ligámos-lhes os pés.
Pensaríamos que não faria qualquer diferença?
À medida que avançamos desastrosamente para o milénio
As profecias estão todas de acordo em que o mundo vai acabar.
Os soldados aparecem como rebentos ao longo de todas as fronteiras.
Caem armados dos ventres de suas mães.
Alguma coisa mudou.
Fazes onze anos neste dia de Santa Brígida.
As mesmas meninas da festa do ano passado
Rodopiam nos seus fatos coloridos sobre o chão
De madeira cor de mel.
São uma girândola de pequenos vitrais
A tinir como um carrilhão de Natal.
Ah, mas este ano estarão mais facetadas,
A música torna-se mais lenta.

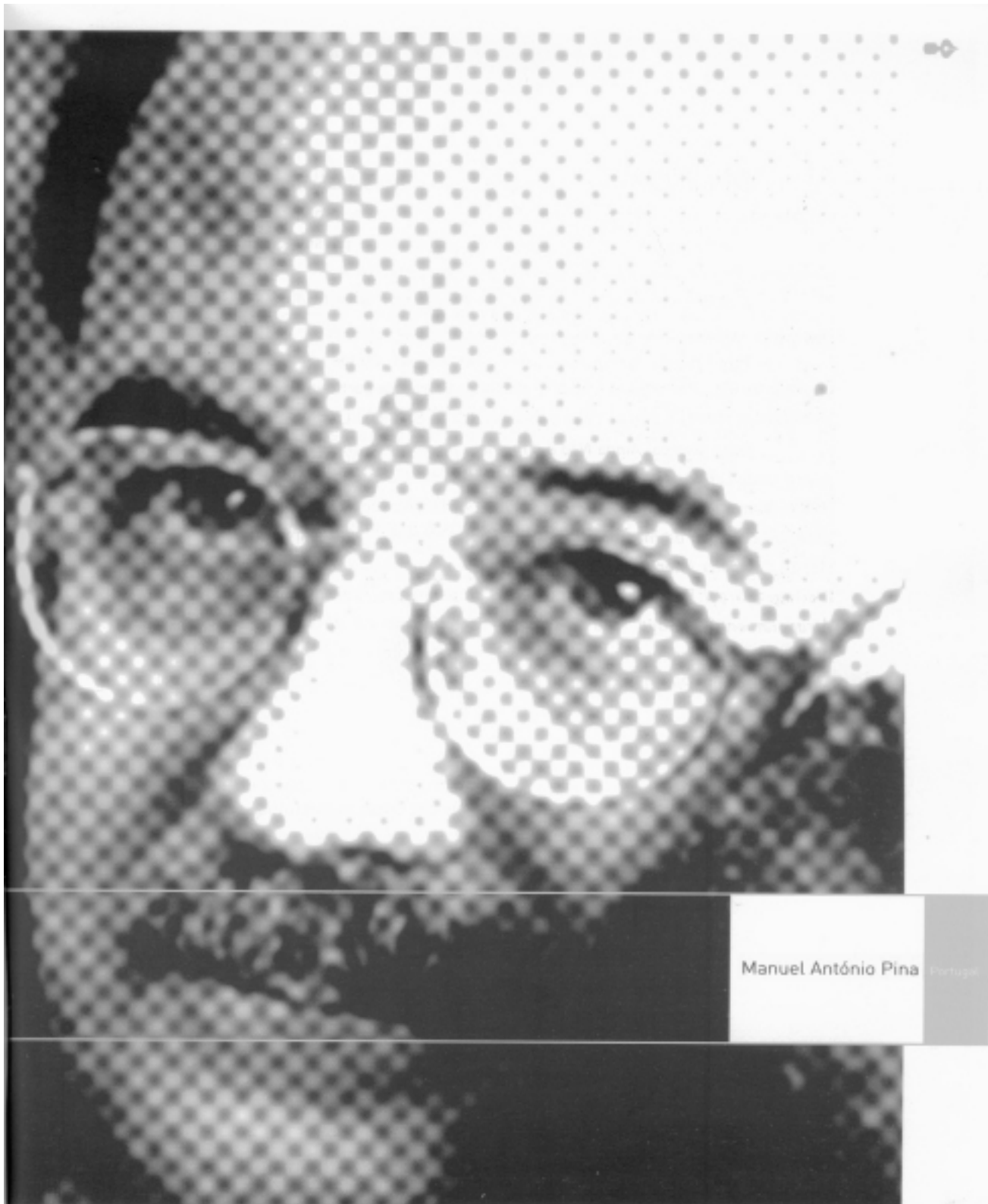
Penduro na parede uma cruz feita com caniços verdes.
Há, sob o solo, alguma coisa que se estira,
Uma tentativa de alcançar o sol.
Brid2, abre a tua garganta e abençoa-as!
Faz com que este tesouro de filhas criadas com tanto carinho,
Dispostas como safiras,
Amadureçam pelos continentes fora e se tornem rubis.

2 Nome irlandês de Santa Brígida

A Dama Espanhola³

Que foi, perguntas, que me fez sentir desejos de partir?
Coisas que aconteceram. Ou não - sabes como é.
Um sonho com navios naufragados na travessia da lua,
A crença, que se foi transformando em certeza, de que eu nasci
Em Fuente Vaqueros no sul de Espanha.
Anos mais tarde, quando um velho me estendeu
Um cravo vermelho sob o sol de Granada,
Eu soube que seguira a sonho certo.
Não receies que eu venha a esquecer o quotidiano,
As tuas adoradas coisas concretas. Quem poderia imaginar
O efeito que têm as laranjas numa criança que foi criada sobre rochedos?
Que desejo é espremido pela sua magra mão
Quando tenta alcançar aquele fruto que só se arranjava nos hospitais,
O fogo naqueles pequenos sóis com covinhas?

3 "A Dama Espanhola" é nome de canção tradicional irlandesa



Manuel António Pina

Nasceu em Sabugal (Beira Alta) em 1943. É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi, durante 30 anos, jornalista.

É autor de mais de três dezenas de obras de poesia, crónica, ensaio e literatura infantil e ainda de duas dezenas de peças de teatro.

A obra poética de Manuel António Pina encontra-se traduzida em Espanha, França, Dinamarca, Holanda, Bulgária, Croácia e Estados Unidos.

Em 1997 foi poeta residente convidado da cidade de Villeneuve-sur-Lot (França). Integrou as representações oficiais da literatura portuguesa na Feira do Livro de Frankfurt (1997), Salão do Livro de Paris (2000) e Salão do Livro de Genève (2001).

Obra poética: AINDA NÃO É O FIM NEM O PRINCÍPIO DO MUNDO CALMA É APENAS UM POUCO TARDE (1974); AQUELE QUE QUER MORRER (1978); A LÂMPADA DO QUARTO? A CRIANÇA? (1981); NEM SÍTIO (1984); O CIO DE CASA (1988); UM SÍTIO ONDE POUSAR A CABEÇA (1991); ALGO PARECIDO COM ISTO DA MESMA SUBSTÂNCIA (Poesia Reunida, 1992); FAREWELL HAPPY FIELDS (1993); CUIDADOS INTENSIVOS (1994); NEM PALAVRA E NENHUMA LEMBRANÇA (1999); MORKET (Forlaget Orby/"Portugisisk antologi 1 ", Copenhague, 1999; trad. Mone Hvass); ATROPELAMENTO E FUGA (2001); QUELQUE CHOSE COMME ÇA DE LA MÉME SUBSTANCE (L'Escampette, Bordéus, no prelo; trad. Isabel Violante Picon); ANTOLOGIA POÉTICA DE MANUEL ANTÓNIO PINA (Ed. KarinalMariana Todorova, Sofia, no prelo; trad. Nicolai Kanttchev).

Tradução de Isabel Violante

Numa estação de metro

A minha juventude passou e eu não estava lá.
Pensava em outra coisa, olhava noutra direcção.
Os melhores anos da minha vida perdidos por distracção!
Rosalinda, a das róseas coxas, onde está?
Belinda, Brunilda, Cremilda, quem serão?
Provavelmente professoras de Alemão
em colégios fora do tempo e do espaço!
Hoje, antigamente, ele tê-las-ia
amado de um amor imprudente e impudente,
como num sujo sonho adolescente
de que alguém, no outro dia, acordaria.
Pois tudo era memória, acontecia
há muitos anos, e quem se lembrava
era também memória que passava,
um rosto que entre os outros rostos se perdia.
Agora, vista daqui, da recordação,
a minha vida é uma multidão
onde, não sei quem, em vão procuro
o meu rosto, *pétala dum ramo húmido, escuro.*

(Um sítio onde pousar a cabeça, 1991)

Na biblioteca

O que não pode ser dito
guarda um silêncio
feito de primeiras palavras
diante do poema, que chega sempre demasiadamente tarde,
quando já a incerteza
e o medo se consomem
em metros alexandrinos.

Na biblioteca, em cada livro,
em cada página sobre si
recolhida, às horas mortas em que
a casa se recolheu também
virada para o lado de dentro,
as palavras dormem talvez,
sílaba a sílaba,
o sono cego que dormiram as coisas
antes da chegada dos deuses.

Aí, onde não alcançam nem o poeta
nem a leitura,
o poema está só.

E, incapaz de suportar sozinho a vida, canta.

(in Cuidados intensivos, 1994)

D'après D. Francisco de Quevedo

Também eu ceei com os doze naquela ceia
em que eles comeram e beberam o décimo-terceiro.
A ceia fui eu, e o servo; e o que saíu a meio;
e o que inclinou a cabeça no Meu peito.
E traí e fui traído,
e duvidei, e impacientei-me, e descartei-me;
e pus com Ele a mão no prato e posei para o retrato
-(embora nada daquilo fizesse sentido).
Não subi aos céus (nem era caso para isso),
mas desci aos infernos (e pela porta de serviço):
comprei e não paguei, faltei a encontros,
cobicei os carros dos outros e as mulheres dos outros.
Agora, como num filme descolorido,
chegou o terceiro dia e nada aconteceu,
e tenho medo de não ter sido comigo,
de não ter sido comido nem ter sido Eu.

(in Cuidados intensivos, 1994)

O nome do cão

O cão tinha um nome
por que o chamávamos
e por que respondia,
mas qual seria
o seu nome
só o cão obscuramente sabia.
Olhava-nos com uns olhos que havia
nos seus olhos
mas não se via o que ele via,
nem se nos via e nos reconhecia
de algum modo essencial
que nos escapava
ou se via o que de nós passava
e não o que permanecia,
o mistério que nos esclarecia.
Onde nós não alcançávamos
dentro de nós
o cão ia.
E aí adormecia
dum sono sem remorsos
e sem melancolia.
Então sonhava
o sonho sólido em que existia.
E não compreendia.
Um dia chamámos pelo cão e ele não estava
onde sempre estivera:
na sua exclusiva vida.
Alguém o chamara por outro nome,
um absoluto nome,
de muito longe.
E o cão partira
ao encontro desse nome
como chegara: só.
E a mãe enterrou-o
sob a buganvília
dizendo: "É a vida..."

(in Nenhuma palavra e nenhuma lembrança, 1999)

Dans une station de métro

Ma jeunesse est passée et je n'étais pas là.
Je pensais à autre chose, je ne faisais pas attention.
Les meilleures années de ma vie perdues par distraction !
Rosalinde aux cuisses roses, où est-elle ?
Belinda, Brunild, Cremhild, que seront-elles ?
Probablement des professeurs d'allemand
dans des collèges hors de l'espace et du temps !
En ce jour, jadis, il les aurait
aimées d'un amour imprudent et impudent,
comme dans un sale rêve adolescent
dont quelqu'un, le lendemain, se réveillerait.
Car tout cela n'était que souvenir, et survenu
il y a bien des années, et celui qui se souvenait
était aussi une mémoire qui passait,
un visage qui parmi d'autres visages se perdait.
Aujourd'hui, vue d'ici, du ressouvenir,
ma vie est une multitude
où moi, je ne sais qui, en vain cherche
mon visage, *pétale d'une branche humide et sombre.*
(Un lieu où poser la tête, 1991)

Dans la bibliothèque

Ce qui ne peut être dit
garde un silence
fait de paroles premières
face au poème, qui arrive toujours trop tard,
quand déjà l'incertitude
et la peur se consomment
en mètres alexandrins.
Dans la bibliothèque, dans chaque livre,
dans chaque page repliée
sur elle-même, aux heures mortes
où la maison aussi s'est repliée
tournée vers l'intérieur,
les paroles parfois dorment,
syllabe après syllabe,
du sommeil aveugle dont dorment les choses
avant que n'arrivent les dieux.
Là où ne l'atteignent ni le poète
ni la lecture,
le poème est seul.
Et, incapable de supporter seul la vie, il chante.

(*Soins intensifs*, 1994)

D'après Francisco de Quevedo

Moi aussi j'ai dîné avec les douze lors de cette cène
où ils burent et mangèrent le treizième.

C'était moi le dîner, et le serviteur ; celui qui s'en alla
et celui qui pencha sa tête contre Mon sein.

J'ai trahi, je fus trahi,

j'ai eu des doutes, perdu la patience, me suis écarté ;

j'ai puisé avec Lui dans le plat, j'ai posé pour le portrait
(même si rien de cela n'eut aucun sens).

Je ne suis pas monté au ciel (ce n'était pas prévu),
mais descendu aux enfers (par l'entrée de service):

j'ai acheté sans payer, j'ai manqué des rendez-vous,

j'ai convoité la voiture et la femme d'autrui.

À présent, comme dans un film aux couleurs passées
c'est le troisième jour et rien n'est arrivé,

et j'ai peur de ne pas être resté là,

de ne pas avoir été mangé, ni même d'avoir été Moi.

(Soins intensifs, 1994)

Le nom du chien

Le chien avait un nom
par lequel nous l'appelions
et auquel il répondait,

mais quel était
son nom
seul le chien obscurément le savait.

Il nous regardait avec des yeux qu'il y avait
dans ses yeux,
mais on ne voyait pas ce qu'il voyait,

ni s'il nous voyait et nous reconnaissait
d'une quelconque façon essentielle
qui nous échappait

ou bien s'il voyait ce qui de nous passait
et point ce qui demeurait,
le mystère qui nous éclairait.

Là où nous ne pouvions atteindre
au dedans de nous
le chien allait.

Et là il s'endormait
d'un sommeil sans remords
et sans mélancolie.

Alors il rêvait
le rêve solide où il existait.
Et il ne comprenait pas.

Un jour nous avons appelé le chien et il n'était pas

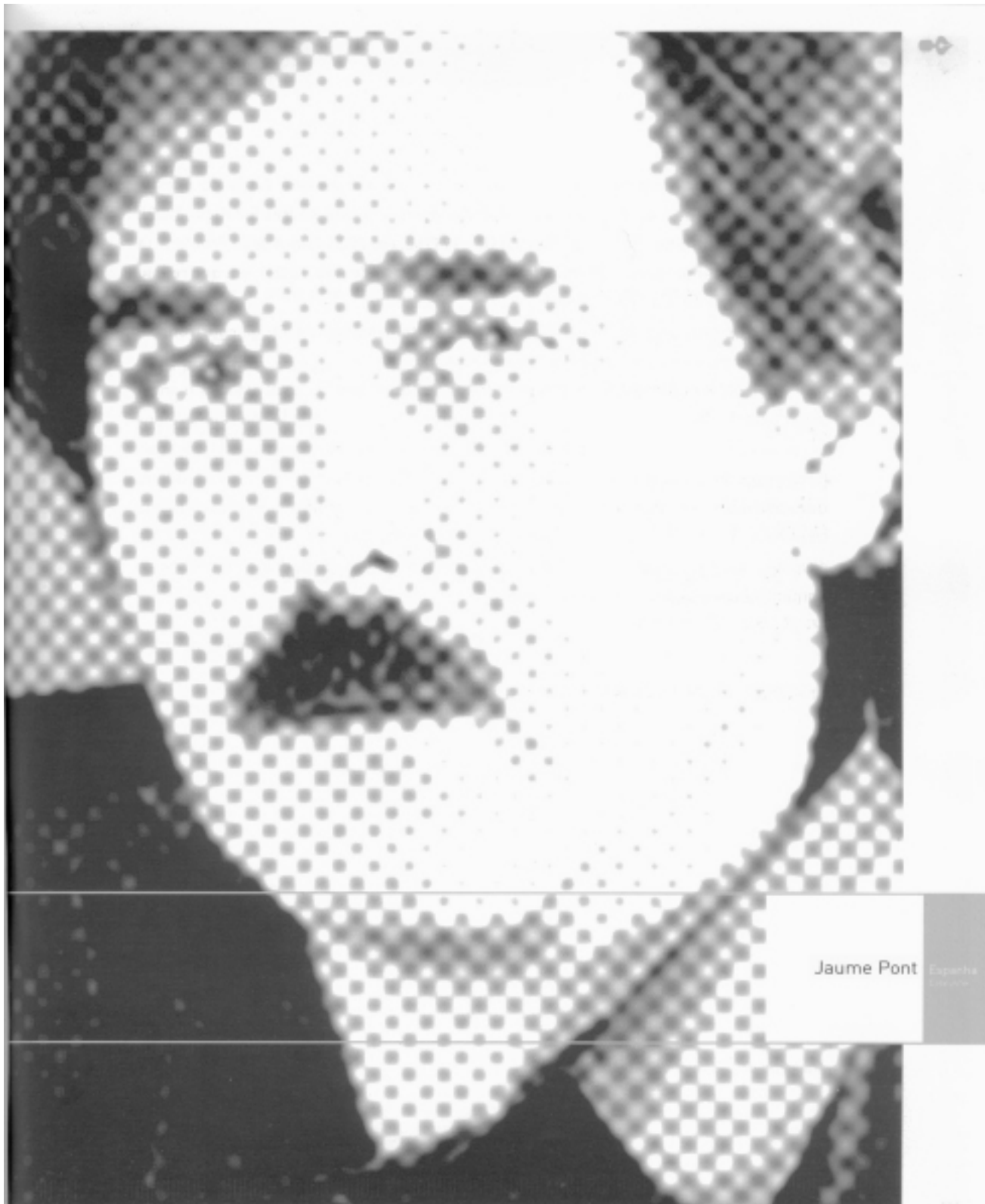
là où il avait toujours été:
dans sa vie exclusive.

Quelqu'un l'avait appelé d'un autre nom,
un nom absolu,
de très loin.

Et le chien était parti
à la rencontre de ce nom
comme il était arrivé: seul.

Et la mère l'a enterré
sous la bougainvillée
en disant: "C'est la vie..."

in Aucun mot et aucun souvenir, 1999



Jaume Pont

Nasceu em Leida, 1947 e é autor de sete livros de poesia:

Límit(s), *Els vels de l' eclipsi*, *Jardí bàrbar*, *Divan* (prémio “Vicent Andrés Estellés” 1982), *Vol de Cendres* (prémio da crítica “Serra d’Or”, 1997) e, em 2000, *Llibre de la Frontera* (a que acaba de ser atribuído o Prémio da Crítica), bem como de *Raó d atzar*, em que reuniu a sua poesia de 1974 a 1989.

Os seus poemas estão traduzidos para castelhano, português, galego, francês, italiano, inglês, alemão, turco, polaco, russo e lituano.

Da sua actividade como crítico literário sobressaem os seus estudos e antologias sobre a poesia espanhola do pós-guerra, sobre os poetas catalães dos anos setenta, bem como edições de narrativas fantásticas em Espanha e na América do Sul.

Publicou ensaios sobre, entre outros, Bataille, Onetti, Arenas, Paz, Villiers de l’ Isle-Adam, Ungaretti, Salinas, Eugénio de Andrade. Quasimodo, Brossa, Gimferrer.

Foi professor nas Universidades de Barcelona, Poitiers, Nápoles, Illinois, Mar del Plata e Litoral-Côte d’ Opale, sendo actualmente Catedrático de Literatura Espanhola Moderna e Contemporânea na Universidade de Lleida.

Tradução de Casimiro de Brito

VEUS

No diguis el meu nom
Anomenar-me
és prostituir el silenci
I tu ets viva
com un altar profanat
filla de totes les veus
impossibles de l'univers
No diguis el teu nom
Vine
a l'obscura veu del tacte

In *Divan* (1982)

APRESENTATGE

Que lent aquest aprenentatge
que se t'emporta lluny de mi.
Com n'és d'imperceptible i dèbil
el baf dels teus records,
la calor I les paraules clivellades
dins la fonda ferida del mirall.
Dis-me, hoste meu,
com sobremorir a la ventura
d'una vida
encastada al moll d'una altra vida.
Si vols no m'ho diguis ara:
fa fred i aquesta nit és buida,
freda I buida com un cec a les portes
del no-res.
Espera a demà:
vindran ocells amb foc als ulls
i gotes d'estelada
al moll de la nocturna deixadesa.
Ja puc percebre l'altura del seu vol,
ja sento com truquen a la porta
de l' arcàngel I dels llunyans oasis.

In *Vol de Cendres* (1996)

LA CALMA D'AMOR ÉS LA FADIGA

A PROPÒSIT D'UN VERS D'IBN AL-FARID

Si algun cop la meva llengua
cau de mort rendida,
serà tot just per a cridar-te.
Si em crides tu,
el càlid tornaveu del teu alè
segellarà amb el meu la teva boca.
És tard perquè gosis contradir-me.
Borda el gos llebrer
i la calma d'amor és la fatiga.

In *Llibre de la Frontera* (2000)

FRAGMENTS

(d' Abd-Allah Ibn Yahya)

Escriure amb sang el llibre de l'esperit

*

Primer els teus llavis, després el vi

*

El foc o l'or núbil de l'instint

*

Els estels són el riure dels infants

*

Els morts guanyen el temps

*

La nit suspesa o l'ull blanc dels corbs

*

Veure amb la fondària del cec

*

La poesia és el tatuatge de la infància

*

Els guants de l'hivern, la boira

*

Aquell ull que escolta entre les ombres

*

Vull retrobar el fil perdut dels folls

*

En el refrec dels cossos, la veu i l'eco del silenci

*

El silenci, la carn de la tenebra

*

La tenebra, el silenci de la carn

*

L'alegria és l'esperma de l'ànima

*

El poeta o el lleuger parpelleig del cec

*

Els poetes escriuen sobre el parpelleig de Déu

*

Com serien els rostres dels fils
de totes les dones que he estimat?

*

La podridura és la veritable metàfora

*

La foguera s'emportarà els meus llibres,
però no el meu pensament

In *Llibre de la Frontera* (2000)

VOZES

Não digas o meu nome
Nomear-me
É prostituir o silêncio
e tu estás viva
como um altar profanado
filha de todas as vozes
impossíveis do universo
Não digas o teu nome
Vem
na obscura voz do tacto

APRENDIZAGEM

Como é lenta esta aprendizagem
que te leva para longe de mim.
Como é frágil e imperceptível
o bafo das tuas recordações,
o calor e as palavras fendidas
na funda ferida do espelho.

Diz-me, hóspede meu,
como sobremorrer à ventura
de uma vida
encastoadada no pulmão de outra vida.

Se quiseres não me digas agora:
faz frio e esta noite está vazia,
fria e vazia como um cego às portas
do nada.

Espera até amanhã:
virão pássaros com fogo nos olhos
e gotas de céu estrelado
no pulmão do abandono nocturno.
Posso aperceber-me da altura do seu voo,
sinto já como batem à porta
do arcanjo e dos oásis distantes.

A CALMA DO AMOR É A FADIGA

A PROPÓSITO DE UM VERSO DE IBN AL-FARID

Se alguma vez a minha língua
cair de morta cansada,
apenas cairá por chamar-te.
Porém se me chamares,
o cálido eco do teu alento
selará com o meu a tua boca.
É tarde para que tu me contradigas.
Ladra já o cão lebreiro
e a calma do amor é a fadiga.

FRAGMENTOS

(de Abd-Allah Ibn Yahya)

Escrever com sangue o livro do espírito

*

Primeiro os teus lábios, depois o vinho

*

O fogo ou o oiro núbil do instinto

*

As estrelas são o sorriso das crianças

*

Os mortos ganham tempo

*

A noite suspensa ou o olho branco dos corvos

*

Ver tão fundo como o cego

*

A poesia é a tatuagem da infância

*

As luvas do inverno, a névoa

*

Esse olho que escuta entre sombras

*

Desejava encontrar o fio perdido dos loucos

*

No roçar dos corpos, a voz e o eco do silêncio

*

O silêncio, a carne das trevas

*

As trevas, o silêncio da carne

*

A alegria é o esperma da alma

*

O poeta ou o leve pestanejar do cego

*

Os poetas cantam o pestanejar de Deus

*

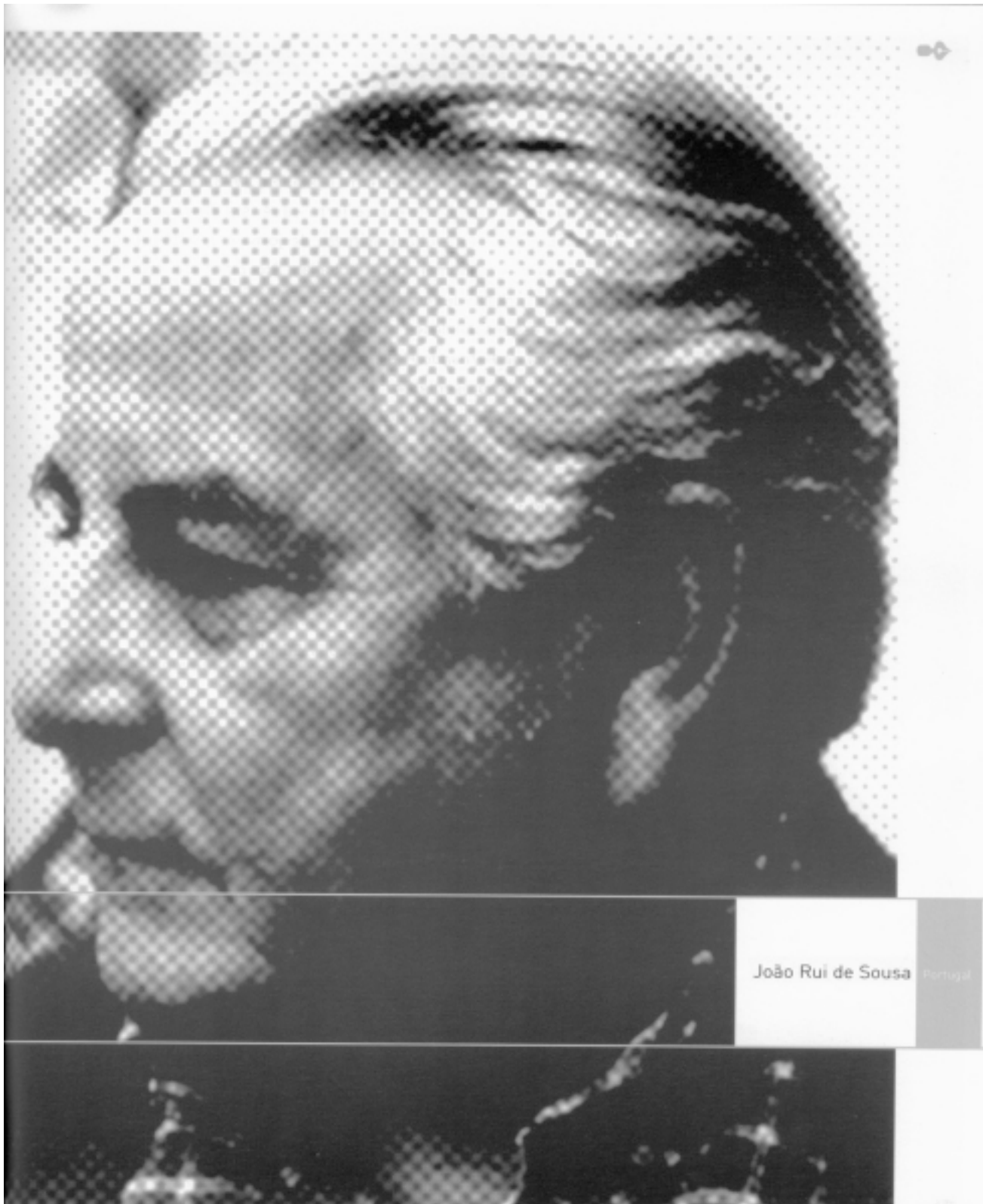
Como seriam os rostos dos filhos
de todas as mulheres que amei?

*

A podridão é a verdadeira metáfora

*

A fogueira destruirá os meus livros,
jamais o meu pensamento



João Rui de Sousa, poeta e ensaísta, nasceu em Lisboa, em 1928. Dirigiu - com António Carlos, António Ramos Rosa, José Bento e José Terra - a revista *Cassiopeia* (1955), onde se estreou. Tem colaboração em avultado número de jornais, revistas e volumes colectivos. Está representado em numerosas antologias. No plano do seu trabalho ensaístico, aí incluindo a crítica de poesia, estudou numerosos poetas portugueses contemporâneos. Teve responsabilidades na organização e apresentação de algumas obras, como *Fotobibliografia de Fernando Pessoa* (1988) e *Poesias Completas de Adolfo Casais Monteiro* (1993). Esteve presente em diversos festivais, encontros e congressos, nacionais e estrangeiros, nomeadamente em Alma-Ata (Casaquistão), Santiago do Chile, Morélia (México) e Las Palmas (Canárias). **Livros publicados - ENSAIO:** *Fernando Pessoa - Empregado de Escritório* (1985), *Este Rio de Quatro Afluentes* (1988) e *António Ramos Rosa ou o Diálogo com o Universo* (1998). **POESIA:** *A Hipérbole na Cidade* (1960), *Circulação* (1960), *A Habitação dos Dias* (1962), *Meditação em Samos* (1970), *Corpo Terrestre* (1972), *O Fogo Repartido* (1983, volume onde reuniu os livros anteriores), *Palavra Azul e Quando* (1991), *Enquanto a Noite, a Folhagem* (1991), *Sonetos de Cogitação e Êxtase* (1994), *Obstinação do Corpo* (1996), *Respirar pela Água* (1998), *Concisa Instrução aos Nautas* (1999) e *Os Percursos, as Estações* (2000).

REENCONTRO

Candelabro sobre um barco
vogando em noite gelada,
talvez archote em desterro,
na penumbra que escurece
a terra agreste, cerrada.

Luz tão nítida que enlaça
sem o saberes, erva minha,
toda uma pedra quebrada
quando parti em jangada
de alento tão quase extinto.

Chama de mim, astro ou fada,
presente-ausente no limbo
de estrela antiga, voada
no percurso mais distante
de nevoeiro sem fim
- e agora reencontrada!

LÍMPIDAS PALAVRAS

Eram límpidas palavras:

eram insectos perfeitos
que não passavam por larvas;

eram águas em corrente
fruídas logo à nascença
no entremeio das fragas;

eram jovens diligentes
que sabiam como os lábios
ardiam antes da fala

(Inédito)

QUANTA CENDRADA VOZ...

Quanta cendrada voz assim fluía
num céu de sumo e fogo que avivava
as mais violentas cores onde ardia
este lençol de amor pronto a perder-se,
pronto a sumir-se em arco nos teus olhos
e a seguir o rumo das queimadas
raízes secas ou o rumor secreto
de passos e destinos sem mais nada
que arderem na pira que os espera!
Quanta perdida voz quase alvorada
de um sonho em desvario antes da queda!

(Inédito)

DESARTICULAÇÃO

Longos caminhos são veredas desarticuladas.

E o livro disso tudo

está no refego das dunas,

na gelatina das algas,

está no sossego das praias.

(Talvez áspera litania

de olhos desencontrados

pelos arcos abatidos

sobre os pinheiros mais altos.)

É uma dança fragmentada

pelo dispersar das vides,

pelos seixos que há nos lagos.

RECOMENDAÇÃO

Mergulha e dissolve essas tensões
que pelas tardes cálidas sobrenadam.

Abre valas no tempo e na razão
(a do aturdimiento, a do esquecer
as noites de ti próprio) e manuseia alfaias com todo o desvelo
transformando em música e palavra
(a voz de ti nascida)
o vasto e árduo esforço de drenagem.

Não deixes que as nuvens por demais
te pesem, por demais assobrem
rios e horizontes e arvoredos - como
cancelas postas no ar das paisagens.

DA MÚLTIPLA EXPLOSÃO

Explodia a explosão pecaminosa:
o crime de acender as velas todas
(as singulares e estúpidas flores
de um lúgubre carnaval de submissão)
que nos avassalasse quase em morte
até nos encerrar a própria voz,
até nos conspirar a própria noite.

Explodia a explosão dum grande início:
o regressar às cálidas areias
onde um só rasto de vital passagem
nos recordasse que há muito tempo
houve um primeiro vagido de surpresa
e de liberta e renovada acção.

Explodia a explosão mais ruinosa:
a que da vida nada nos deixasse
senão o fumo e um extenso calcário,
senão o cheiro a sulfuroso vómito,
sinal irrevogável de extremínio.

Explodia a explosão tão esplendorosa:
a de um sol amistoso, repartido
por múltiplos cristais, nobres clarões,
com os quais, e à distância, há-de crescer
a mais fraterna luz da casa humana.

Paroles limpides C'était des paroles limpides : c'était des insectes parfaits qui n'avaient pas été larves. c'était des eaux dans un courant délicieuses dès leur naissance dans l'intervalle des rochers ; c'était des jeunes diligents qui savaient comment les lèvres brûlaient avant la parole

Recommandation Plonge et dissous ces tensions qui surnagent dans les après-midi chaudes Creuse des fossés dans le temps et la raison (celle de l'étourdissement, celle de l'oubli des nuits qui sont à toi) et manipule les ustensiles avec grand soin - transformant en musique et en parole (la voix née de toi) cet effort vaste et ardu de drainage. Ne laisse pas que les nuages excessivement te pèsent, excessivement assombrissent fleuves et horizons et tous les arbres - comme des barrières posées dans l'air des paysages.

De la multiple explosion Elle explosait l'explosion peccamineuse : le crime d'allumer toutes les bougies à la fois (les singulières et les stupides fleurs d'un lugubre carnaval de soumission) qui pourraient nous asservir presque à la mort jusqu'à enfermer notre voix-même, jusqu'à rendre impure la nuit-même. Elle explosait l'explosion d'un grand commencement : le retour à la chaleur des sables où une seule trace du passage de la vie pourrait nous rappeler qu'il y a très longtemps il y eut un premier vagissement de surprise et de liberté d'action renouvelée. Elle explosait l'explosion la plus ruineuse : celle qui ne pourrait rien nous laisser de la vie, rien que la fumée et le vaste calcaire, que l'odeur d'un sulfureux vomis, signe irrévocable de l'extermination. Elle explosait l'explosion tellement splendide : celle d'un soleil amical, réparti en multiples cristaux, en nobles éclats, avec lesquels, et à distance, doit grandir la lumière la plus fraternelle de la maison humaine.

Difficile de dire... Difficile de dire quand on n'oublie pas, quand la tristesse de la nuit est un dieu retiré dans les grottes où le songe est radeau et l'horreur est glas de catastrophes. Difficile de dire l'épaisse solitude de cristaux très purs exilés dans la pénombre d'un homme presque mort parce qu'il n'y a pas eu un seul poing solidaire. Difficile de dire quand on désigne cette douleur de nous-même sécrétée par une pudeur qui dort au beau milieu de l'herbe, loin des maisons, loin de ceux qui parlent. Murmure tout au fond de la caverne là où les ailes brisées nous bercent difficile de dire le tire exact qui en nous aurait explosé, tout près de l'eau, en plein centre d'un fracas de cascade.

Fuis l'incertitude... Fuis l'incertitude car elle est brume macérant les doigts et les yeux. Qu'elle ne se prenne à chose aucune de tes pauvres effets, de tes labeurs, de tes rames en barques disjointes sur des océans de mots agrestes, même en des lieux semés d'épouvantes ou même quand les vagues sont des tapis de périls par toi ignorés. Fuis l'incertitude, quoiqu'il t'en coûte, même s'il reste des lambeaux de pénombre.



Ildásio Tavares

Soneto a Minha Amada

A minha amada é minha mãe e morte -
 acolhe-me em seus braços e me mata
 de prazer e de dor. Ata e desata.
 Um dia é meu azar e noutro é sorte.
Não há outra mulher que me conforte
 quando eu desabo como uma cascata
 em seu regaço, a enseada exacta,
 porto seguro onde eu encontro o norte,
Eu nela principio. Eu nela findo.
 Por ela eu choro mas eu choro rindo -
 o amor é a mais gostosa sepultura.
É falecer no parto. É vergastar
 estrelas esparzidas pelo ar
 com a lucidez suprema da loucura.

Outro soneto a minha amada

A minha amada não tem corpo e alma;
 é só uma voz que invade o telefone;
 e é tanto o medo de que me abandone
 que virou sobressalto a minha calma.
É no cristal de sua voz tão clara
 que se equilibra minha mente insone.
Tilinta a madrugada - eis o ciclone
 que o telefone sobre mim dispara.
E sua voz de criança e cortesã
 me envolve até a ruptura da manhã
 mas sua imagem nunca chega a mim.
Sua voz me seduz, me prende e chama,
 e, no deserto azul da minha cama,
 sei que esta história não vai ter mais fim.

Ode ao silêncio

Vesti o silêncio com teu rosto.

Na passagem das horas, fiquei menos só;
fiquei mais triste.

Somente ao construir
a tua ausência
é que pude entender
de que consiste.

Não me importa o que tu és ou não és,
mas o que tanto foste
e que persiste,

ornamentando o silêncio.

As palavras avras te recriam
do fundo irretocável do passado
como uma silhueta móvel.

O Barco Bêbado

Mostrou o poema a seu amigo,
Com a certeza adolescente
De que na França, ninguém
Faria algo tão bom naquela época de ouro.

(E, provavelmente, estava certo)
Depois, mudou as armas; mudou
de ramo. Arranjou uma mulher.
E se acabou,
como a esfuziante for do hibiscus
que dura um dia, murcha e cai nochão.

(Há coisas grandes demais para os dezoito anos)

Intenção de Outono

Queria compreender o outono,
tantos e diversos amarelos,
caindo e atapetando o chão.
Fácil é o verêo,
Seu espetáculo de sol sobre o azul.
E a primavera com seu ramalhete
de bromélias febris; de acácias
e de orquideas selvagens.

Queria compreender o outono,
seus amarelios que caem;
sua intenção de aos poucos avançar
até a neve - o inverno
com seu horizonte de chumbo.

Corsu

Um poema em três línguas

IMST

The high, sturdy distant,
fingers are crisped around
the palm of the hand,
with nails of cream - it
is a shell; in it, a pearl
glitters in the first summer sun.
Higher, and even more distant,
Astrid's breast invites me
but turns my dream
into an exercise of contemplation.

IMST

Die hohen, robusten, fernen,
Finger sind um die Handflächen
geklammert mit Nägeln aus
Creme - es ist eine Muschel;
in der, eine Perle glitzert
In der ersten Sommersonne.
Höher, und noch ferner,
Astrid's Brust lädt mich ein,
aber wandelt meinen Traum
zu einer Übung der Beschaulichkeit.

IMST

Os altos, robustos, distantes
dedos estão crispados em torno
da palma da mão, com unhas de
creme - é uma concha; nela
uma pérola reluz, ao primeiro
sol de verão. Mais alto e
ainda mais distante,

o seio de Astrid convida-me,
mas transforma meu sonho
num exercício de contemplação.

Ode on silence

I dressed silence with your face.
Before the passing hours,
I became less lonely;
I became sadder.
Just while constructing
your absence,
I could understand
what it consists of.
I do not care what you
are or are not
but so much you were
that still stays,

ornamenting silence.
The words recreate you
from the irretouchable bottom of past,
as a moveable sillouette.

The drunk boat

He showed his friend the poem
and said, with adolescent certitude,
that no one in France, could do
better in that golden age.

(And, probably, he was right)

Then, he changed his weapons; changed
his line. He procured a woman.
And consumed himself,
like the sparkling hibiscus flower
that lasts one day, withers, and falls to the ground,
(There are things too big for eighteen).

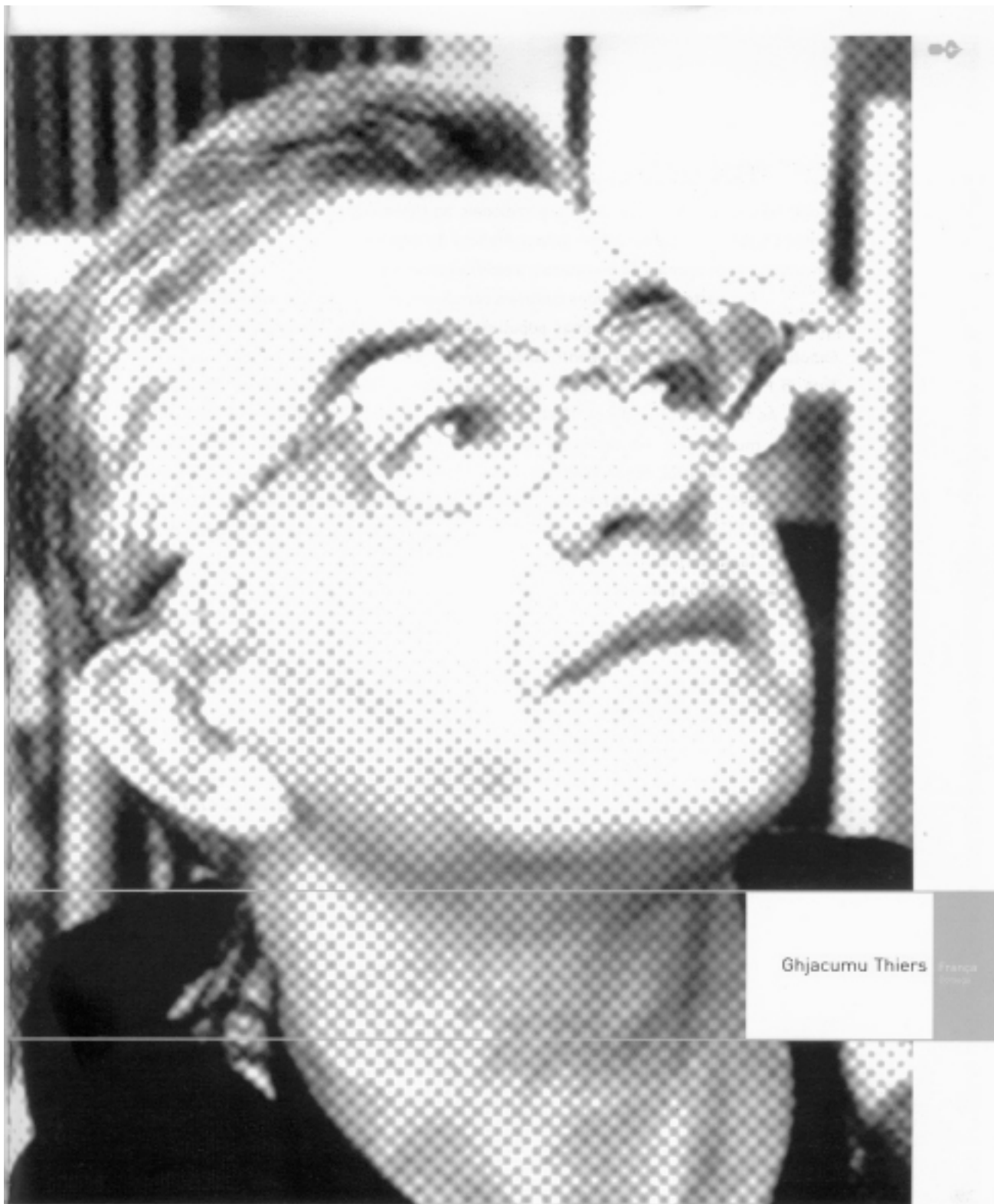
Intention of Autumn

I wish I could understand Fall,
so many and so diverse yellows,
falling and carpeting the ground.

Easy is Summer,
its spectacle of sun over blue.

And Spring with its garlands
of feverish bromelias; of acacias
and wild orchids.

I wish I could understand Fall,
its yellows that fall;
its intention of, by and by, advance
towards snow -- Winter
and its lead horizon.



Ghjacumu Thiers França

Tradução de Guilhermina Jorge

È chî Sud ?

Simu stati di sopra
À l'altu
In cima
À vicinu di dei
Splendore di l'Oriente
U fiore di a Mente

L'arte di la scrittura
Hè natu à nostre sponde
Un ceppu di sapienza
Ch'hà schjaritu lu mondu

Simu stati di sottu
À bughju
In fondu
D'un mondu senza noi
Vergogna di una ghjente
Pulita è monda

Ligati à i ferri
D'a nostra pella mora
Nera cum'è la pece
Brutta cumè u peccatu

Ci stellanu in fronte
U sud
Inghjulia
Nant'à a vasca ch'hè nostra
Ùn simu à meziomu
Di l'altri mondi

L'acelli di mare

L'acelli d'inde voltanu?
L'ale carche à memoria
Di sponde orientale
Duve canta a sultana
Piatta in l'ombra verdogna.

L'acelli d'inde voltanu ?
U so volu hè mandile
Strappatu à lu core
Rosu da tanti inganni
Di l'amori svaniti.

L'acelli duve vanu
Chi spiccanu lu volu
Sopr'à facce funeste
Secche di malamorte
Prumessa d'un ritornu
Fieru ad altri tempi?

È sò donna chi v`a
Ver'di tanti distini
Trapuntati à ferite
U mo core hè macagna
Aver`a persi i sogni
Ch'u fecenu altagna?

Nausicaa

Sò vechja
N'aghju vistu passà
Zitelli
C'u focu à l'ochji
D'a meraviglia Oriente

Sò vechja
N'aghju intesu cantà
Sirene
Ed altre volte
Callipso di l'aloppiu

Sò vechja
N'aghju vistu vultà
Battelli
À li diserti porti
Carchi di tanta pena

Ma zitella sò sempre
Nausicaa ch'aspetta
A vela d'un Ulisse
Eternu

Una sorte da scrive

Biancu

Cum'è a schjuma spumata à l'altu

È i scogli dillacerati

Voltanu

À u granaciu

U grombulu

L'infinitesimale piantu di u delfinu

Chì chjama chjama

Nant'à a sponda spettinata

Da e buriane anziane

Chì portanu dumane

Bianca è vergine

Bench'è techja di sangue

È tandu

Chì mi face l'orrore

Di i mo sogni persi

S'ellu si pò un ghjomu

Rifà Atene è Sparta

Una tutta mente è l'altra tutta forza

Ma surelle di picciu

È treminduie picce

d'una pace listessa ?

Piscatori di destinu

N'avemu mille
È mille miglioni
Di miglioni di mlla
Piscatori
À piscà li pensieri
Intricciati à u tempu

N'avemu mille
È mille miglioni
Di miglioni di mila
I pastori
À curà e so bande
Di sogni vagabondi

N'avemu mille
È mille miglioni
Di miglioni di mila
I rimiti
À l'entre di deserti
Di u core in tribizona

N'avemu mille
È mille miglioni
Di miglioni di mila
Donne ardite
À annannà e paure
Di l'anima picondria

Ma distinu
Pellegrinu
Ùn emu ma chè unu
Da fà

Mas que sul ?

Subimos bem alto
Lá em cima
Ao topo
Vimos os deuses
O esplendor do Oriente
O melhor da Mente

A arte da escrita
Nasceu nas nossas margens
Cepo da sabedoria
Que iluminou o mundo

Descemos
No escuro
Ao fundo
De um universo sem nós
Vergonha de uma gente
Polida e limpa

Amarrados aos ferros
A nossa pele trigueira
Negra como breu
Feia como o pecado

Ferram-nos na testa
Do Sul
Infâmia
Nesta bacia que é nossa
Não estamos no meio
Dos outros mundos

Os pássaros do mar

Os pássaros donde vêm?
As asas carregadas de lembranças
Das margens orientais
Onde canta uma sultana
Agachada na sombra verde

Os pássaros donde vêm?
O seu voo é um véu
Arrancado ao coração
Roído de tantos enganos
De amores esvanecidos

Os pássaros onde vão
Que levantam voo
Por cima de rostos mortos
Ressequidos pela morte
Promessa de um regresso
Orgulhoso noutros tempos?

Sou apenas uma mulher
Que segue tantos destinos
Remendados pelas chagas
O meu coração é uma ferida
Será que perdeu os sonhos
Que o tornaram águia?

Nausicaa

Sou velha
Muitas vezes vi passar
Crianças
Com o fogo nos olhos
Da maravilha do Oriente

Sou velha
Muitas vezes ouvi cantar
Sirenes
E outras vezes
Calipso a poderosa

Sou velha
Muitas vezes vi regressar ao porto
Navios
Nos cais desertos
Carregados de tantas penas

Continuo a criança
Nausicaa que espera
A vela de um Ulisses
Eterno

Um destino para escrever

Branco

Como a espuma espalhada ao alto

E os escolhos dilacerados

Tornam-se de novo

O grumo

O grânulo

O pranto infinitesimal do golfinho

Que chama chama

Na margem escarpada

Pelas antigas tempestades

Que transportam os amanhã

Branca e virgem

mas cheia de sangue

E nesse momento

Não me interessa o horror

Dos meus sonhos devastados

Se podemos um dia

Refazer Atenas e Esparta

Uma toda mente outra toda força

No entanto irmãs gémeas

E ambas juntas

Numa paz igual ?

Pescadores de destino

Temos mil
E mil milhões
De milhões de mil
Pescadores
Para pescar os pensamentos
Que se emaranham ao tempo

Temos mil
E mil milhões
De milhões de mil
Pastores
Para guardar os rebanhos
De sonhos vagabundos

Temos mil
E mil milhões
De milhões de mil
Eremitas
À entrada dos desertos
De coração despedaçado

Temos mil
E mil milhões
De milhões de mil
Mulheres audazes
Que embalam os medos
Da alma apavorada

Mas destino
Peregrino
Temos apenas um
Para fazer



Bernard Vargaftig nasceu em 1934, em Nancy, onde vive.

Foi professor no ensino técnico e, depois, conselheiro para a poesia ao serviço da Direcção dos Assuntos Culturais de Lorraine. Passou parte da sua infância, entre 1940 e 1944, a esconder-se, com a sua família, para escapar das perseguições nazis.

Depois de *La Véraison*, primeiro livro editado na Gallimard pela mão de Aragon, publicou 15 livros de poemas, entre eles *Description d' une Elégie* (Seghers, 1975), *Cette Matière* (André Dimanche, 1986), *Distance nue* (André Dimanche, 1994) mas também livros de prosa como *Un même silence* (André Dimanche, 2000).

Escreveu vários livros para artistas, entre eles Jacques Clerc, Michel Steiner, Olivier Debré. Editor das antologias *Poésie des Romantiques e Poésie de Résistance*.

Com *Ou vitesse* (1991), ganhou o prémio da Academia Mallarmé. Está ligado às revistas "Action Poétique" e "Europe".

As revistas "Faire-Part" (1985), "Incendits" (1993), "Nu(e)" (1994) e "Ralentir Travaux" (2000), consagraram números especiais à sua poesia.

Tradução de Pedro Tamen

Avènement même effacé
Une poursuite tour à tour
Une attente où en se dénouant
Quel espacement immense me prenait
La vivacité des oiseaux voit
C'est chaque fois il y a un brouhaha
Et je vais tomber je tombe en moi
Un bercement la béance
L'impatience qui s'approprie
Sans que la peur de fuir ne sache
Promptitude distincte et attachement
Soulevés de hâte en hâte
Indissociables comme hurle
Le tremblement dont l'affirmation serait
Dans ce qui n'est pas dit encore
Un instant qu'au milieu des récifs
Le désert laisse plus clair

Un déchirement la bonté
A laquelle le début emporte
L'immensité de la chute apparaît
Avant l'intuition les récits les odeurs
Est-ce l'abstraction au plus nu
Qu'à nouveau le saisissement crie
Sous la hâte et la honte de l'effroi
L'espace inattendu la trace la trace
Sans cesse en moi comme tu me traverses
Où les mêmes mots sont vivants
Le rapprochement qui circulait
Quand la pitié continue en sillage
Appartenance inclinée vers les déserts
Aucun accomplissement ne recouvre
Tout à coup aveugle dans l'érafflement
La stupeur que l'aveu éclaire
Dont le nom ne quitte pas tes seins

Tant de pitié sous la détresse
L'ailleurs intérieur avec les roches
Embrassement à nouveau soulevé
Quand le tremblement de l'été me poursuit
Hasard et montagnes derrière
Ce cri que la fragilité touche
L'avènement s'accompagne d'espace
La distance vient dont le mouvement est
Un souffle un souvenir jusqu'aux oiseaux
L'inclinaison des paysages
Où l'effacement ne sait jamais
Où en s'ouvrant l'attirance répète
Chaque fois l'azur dans le déchirement
Ainsi rien ne me sépare de moi
La rapidité de ta nudité bouge
La déflagration parle comme
Te connaître a l'enfance pour ombre

Seul l'espace ne se répétait pas
Hormis les dénudements la hâte
Que la signification imprévisible touche
L'incitation en basculant
Un passage un souffle entr'aperçu
L'évidence les gentianes l'irruption le sable
Un silence dans les virages
Auquel l'exigence stupéfaite va se joindre
Toujours une telle brièveté
Jusqu'à cette attirance à travers moi
Où l'accomplissement sans se sauver dépayse
Avec l'insoumission pour preuve
Une plongée d'aube et de montagnes
Je t'aime rien ne nomme-t-il
Comme le déchirement ressemble à de l'enfance
Qui saisissait comme obstinément
La clarté a beau avoir oublié

La compassion ne cache rien
La honte chaque fois effacée
L'exactitude l'espace un parfum
Le commencement sous le cri qu'il y a
Le récit échappe au récit
La pente refaisait chavirer
Quand la vitesse inavouable atteint
Comme en s'élançant un tremblement me berce
L'insistance si proche de la peur
Le hasard changé en sommeil
Que la stupéfaction prolongeait
Te voir est-il en moi ce dénuement
Auquel de plus en plus immense répond
Toujours l'immédiateté de l'enfance
Dont sans souvenir les étendues s'écartent
Renversée où l'ombre m'aveugle
Entre le creusement et tes jambes

Advento mesmo apagado
Uma perseguição alternada
Uma espera onde se desatando
Que intervalo imenso me tomava
A vivacidade dos pássaros vê
É sempre um sussurrar
E vou cair caio dentro de mim
Um embalo a imensidão
A impaciência que se apropria
Sem que o medo de fugir saiba
Prontidão distinta e apego
Soerguidos de pressa em pressa
Indissociáveis tal qual o uivo
Do tremor cuja afirmação seria
No que não é dito ainda
Um instante que no meio dos recifes
O deserto deixa mais claro.

Um rasgão a bondade
Para a qual o início leva
A imensidade da queda aparece
Antes da intuição as histórias os aromas
Será a abstracção no mais nu
Que de novo a emoção grita
Sob a pressa e a vergonha do pavor
O espaço inesperado a pista a pista
Sem cessar em mim como tu me atravessas
Onde as mesmas palavras estão vivas
A aproximação que circulava
Quando a piedade continua em esteira
Pertença inclinada para os desertos
Nenhuma consumação cobre
De súbito cega na arranhadura
O pasmo que a confissão ilumina
Cujo nome te não abandona os seios

Tanta piedade debaixo da aflição
O outro lugar interior com as rochas
Abraçar de novo soerguido
Quando o tremor do verão me persegue
Acaso e montanhas atrás
Este grito que a fragilidade roça
O advento é acompanhado de espaço
Vem a distância cujo movimento é
Um sopro uma lembrança até aos pássaros
A inclinação das paisagens
Onde o apagamento nunca sabe
Onde abrindo-se a atracção repete
Todas as vezes o azul no rasgão
Assim nada me separa de mim
A rapidez da tua nudez mexe
A deflagração fala como
Conhecer-te a infância como sombra

Só o espaço não se repetia
Excepto os desnudamentos a pressa
Que a significação imprevisível toca
O incitamento fazendo oscilar
Uma passagem um sopro entreavistado
A evidência as gencianas a irrupção a areia
Um silêncio nas viragens
A que se vai juntar a exigência estupefacta
Sempre uma tal brevidade
Até essa atracção através de mim
Onde a consumação sem se salvar desorienta
Com a insubmissão como prova
Um mergulho de alvorada e de montanhas
Amo-te nada nomeia
Como o rasgão se parece com o da infância
Que agarrava como teimosamente
A claridade ter esquecido em vão

A compaixão não esconde nada
A vergonha sempre apagada
A exactidão o espaço um perfume
O começo sob o grito que existe
A história escapa à história
O declive refazia soçobrar
Quando a velocidade inconfessável atinge
Como ao lançar-se um tremor me embala
A insistência tão próxima do medo
O acaso transformado em sono
Que a estupefacção prolongava
Ver-te é em mim esta carência
À qual responde cada vez mais imenso
Sempre o imediato da infância
Cujas plagas se afastam sem memória
Derrubada onde a sombra me cega
Entre a escavação e as tuas pernas

Ruy Duarte de Carvalho Miguel Anxo Fernán-Vello Olli
Heikkonen Barbara Köhler Katika K'ulavkova Franco Loi
Adília Lopes Moncef Louhaïbi Helder Macedo Mary
O'Malley Manuel António Pina Jaime Pont João Rui de
Sousa Ildásio Tavares Ghjacumu Thiers Bernard Vargaftig

